

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO JOÃO DEL REI**  
**PROGRAMA INTERDEPARTAMENTAL DE PÓS-GRADUAÇÃO EM**  
**ARTES, URBANIDADES E SUSTENTABILIDADE**

ISADORA FRANCO OLIVEIRA

**CULTURA E PAISAGEM NA VALORIZAÇÃO DA**  
**IDENTIDADE LOCAL**

SÃO JOÃO DEL REI

2023

ISADORA FRANCO OLIVEIRA

## **CULTURA E PAISAGEM NA VALORIZAÇÃO DA IDENTIDADE LOCAL**

Dissertação apresentada ao Programa Interdepartamental de Pós-Graduação Interdisciplinar em Artes, Urbanidades e Sustentabilidade da Universidade Federal de São João del Rei, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre Interdisciplinar em Artes, Urbanidades e Sustentabilidade.

Área de Concentração: Interdisciplinar – Poéticas Artísticas e Socioculturais: Espaço, Memória e Tecnologias

Linha de Pesquisa: Linha 1 - Processos Criativos

Orientador: Prof. Dr. Flávio Luiz Schiavoni

Co-Orientadora: Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Zandra Coelho de Miranda

SÃO JOÃO DEL REI

2023

Ficha catalográfica elaborada pela Divisão de Biblioteca (DIBIB)  
e Núcleo de Tecnologia da Informação (NTINF) da UFSJ,  
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

O48c      Oliveira, Isadora Franco.  
Cultura e paisagem na valorização da identidade  
local / Isadora Franco Oliveira ; orientador Flávio  
Luiz Schiavoni; coorientadora Zandra Coelho de  
Miranda. -- São João del-Rei, 2023.  
70 p.

Dissertação (Mestrado - Programa  
Interdepartamental de Pós-Graduação Interdisciplinar  
em Artes, Urbanidades e Sustentabilidade) --  
Universidade Federal de São João del-Rei, 2023.

1. design digital de estamperia. 2. paisagem  
cultural. 3. São João del Rei. 4. Serra do Lenheiro.  
5. valorização do patrimônio imaterial. I. Schiavoni,  
Flávio Luiz, orient. II. Miranda, Zandra Coelho de,  
co-orient. III. Título.

Dissertação intitulada *Cultura e paisagem na valorização da identidade local*, de autoria de Isadora Franco Oliveira, aprovada pela seguinte banca examinadora:

---

Prof. Dr. Flávio Luiz Schiavoni – Orientador (UFSJ)

---

Profa. Dra. Fernanda Nascimento Corghi (UFSJ)

---

Prof. Dr. Aluizio Barbosa de Oliveira Neto (UFMG)

---

Dr. Thiago de Andrade Morandi

São João del Rei, 14 de dezembro de 2023

## AGRADECIMENTOS

Aos meus pais, por todo apoio e incentivo sempre.

Ao meu irmão, por me apresentar e me acolher em São João del Rei.

Ao *benzinho*, pelo companheirismo e apoio em tudo.

Aos amigos que fiz no PIPAUS e no ALICE, pelas trocas, parcerias e conversas.

Ao Flávio, pelas orientações, debates e acolhimento.

Ao Miranda, que nos guiou e apresentou a Serra, sempre compartilhando conhecimento.

À FAPEMIG, pelo fomento parcial da pesquisa através da Bolsa de Desenvolvimento em Ciência, Tecnologia e Inovação.

## RESUMO

Este projeto de pesquisa explora a paisagem cultural de São João del Rei, uma cidade no estado de Minas Gerais, Brasil, com ênfase na Serra do Lenheiro e sua biodiversidade. O estudo tem como objetivo compreender a relação entre cultura, identidade e o ambiente natural, bem como a formação da paisagem cultural por meio da interação entre uma paisagem natural e um grupo cultural local. A pesquisa examina os conceitos de identidade cultural e cultura nacional, destacando sua conexão com particularidades sociais, culturais e geográficas. A memória desempenha um papel significativo na formação da identidade cultural, e diferentes grupos dentro de uma cultura nacional têm memórias diferentes associadas a objetos, imagens, gestos ou espaços. Para explorar ainda mais a paisagem cultural, foram criados novos padrões e estampas inspirados na morfologia de espécies coletadas localmente. Isso envolve o estudo de catálogos de plantas, visitas *in loco* a áreas de preservação ambiental e a utilização do design como ferramenta para valorizar a cultura e identidade local. O processo de design visa destacar a importância da preservação das identidades locais e das expressões culturais. Os esforços de conservação são cruciais para manter a diversidade cultural e biológica. Ao proteger paisagens culturais tradicionais, é possível salvaguardar tanto o patrimônio cultural quanto o ambiente para as gerações futuras. A pesquisa busca promover a valorização da cultura brasileira e dos elementos naturais, fomentando práticas coletivas e perpetuando a memória. Em conclusão, este estudo explora a paisagem cultural de São João del Rei e destaca a relação entre cultura, identidade e meio ambiente. O foco está na importância da conservação para preservar a diversidade biológica e a história cultural, ao mesmo tempo em que visa conservar o valor cultural por meio do estudo de espécies nativas e do desenvolvimento de novas estampas influenciadas pela flora local. Destaca-se que não foram considerados como resultados alcançados apenas produtos, objetos e bens, mas também o processo de criação e promoção de vivências.

**Palavras-chave:** design digital de estampa; paisagem cultural; São João del Rei; Serra do Lenheiro; valorização do patrimônio imaterial.

## ABSTRACT

This research project explores the cultural landscape of São João del Rei, a city in the state of Minas Gerais, Brazil, with an emphasis on the Serra do Lenheiro mountain range and its biodiversity. The study aims to understand the relationship between culture, identity, and the natural environment, as well as the formation of the cultural landscape through the interaction between a natural landscape and a local cultural group. The research examines the concepts of cultural identity and national culture, highlighting their connection to social, cultural, and geographical particularities. Memory plays a significant role in shaping cultural identity, and how different groups within a national culture have different memories associated with objects, images, gestures, or spaces. To further explore the cultural landscape, new patterns were created, inspired by the morphology of locally collected species. This involves studying plant catalogs, conducting on-site visits to environmental preservation areas, and utilizing design as a tool to enhance cultural value and local identity. The design process aims to highlight the importance of preserving local identities and cultural expressions. Conservation efforts are crucial in maintaining cultural and biological diversity. By protecting traditional cultural landscapes, it is possible to safeguard both cultural heritage and the environment for future generations. The research seeks to promote the appreciation of Brazilian culture and natural elements, fostering collective practices and perpetuating memory. In conclusion, this study explores São João del Rei's cultural landscape and highlights the relationship between culture, identity, and the environment. The emphasis is on the significance of conservation in preserving biological diversity and cultural history while aiming to conserve cultural value through the study of native species and the development of new patterns influenced by local flora. It is noteworthy that not only products, objects and goods were considered as achieved results, but also the process of creating and promoting experiences.

**Keywords:** digital print design; cultural landscape; São João del Rei; Serra do Lenheiro; valuation of intangible heritage.

## LISTA DE FIGURAS

1	Estampas desenvolvidas sobre a Tropicália . . . . .	11
2	Vista aérea das serras ao redor de São João del Rei . . . . .	23
3	Caapeba . . . . .	25
4	Carqueja . . . . .	26
5	Barbatimão . . . . .	27
6	Estudo: Caapeba . . . . .	28
7	Estudo: Carqueja . . . . .	29
8	Estudo: Barbatimão . . . . .	30
9	Trajeta percorrido no dia 07.03 . . . . .	32
10	Placas indicando o trajeto percorrido . . . . .	33
11	Exemplar de caapeba . . . . .	34
12	Exemplar de barbatimão . . . . .	35
13	Exemplar de murici . . . . .	36
14	Exemplar de carqueja . . . . .	37
15	Exemplar de araçá . . . . .	38
16	Serra de São José vista da Serra do Lenheiro . . . . .	39
17	Participantes da trilha do dia 25 . . . . .	40
18	Trajeta percorrido no dia 25.03 . . . . .	40
19	Região conhecida como “Oi D’Água” . . . . .	41
20	Vista do momento de descanso . . . . .	42
21	Sistemas de repetição . . . . .	43
22	Módulo - Caapeba ( <i>Piper umbellatum</i> L.) . . . . .	45
23	Estampa digital - Caapeba ( <i>Piper umbellatum</i> L.) . . . . .	46
24	Paleta de cores da estampa Caapeba . . . . .	47
25	Módulo - Carqueja ( <i>Baccharis crispa</i> Spreng.) . . . . .	48
26	Estampa digital - Carqueja ( <i>Baccharis crispa</i> Spreng.) . . . . .	49
27	Paleta de cores da estampa Carqueja . . . . .	50
28	Marca-páginas com a estampa Caapeba . . . . .	51
29	Prato com a estampa Caapeba . . . . .	52
30	Marca-páginas com a estampa Carqueja . . . . .	53
31	Caneca esmaltada com a estampa Carqueja . . . . .	54

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>Introdução</b>	<b>10</b>
<b>2</b>	<b>A cultura nacional como identificação</b>	<b>15</b>
<b>3</b>	<b>A paisagem cultural como instrumento de preservação</b>	<b>17</b>
<b>4</b>	<b>Valorização cultural através do design</b>	<b>20</b>
4.1	Design de superfícies . . . . .	21
4.2	Espécies nativas e valorização cultural . . . . .	22
4.3	Estudo morfológico . . . . .	28
<b>5</b>	<b>Práticas coletivas</b>	<b>31</b>
5.1	Visitas à Serra do Lenheiro . . . . .	32
5.1.1	07.03.2023 . . . . .	32
5.1.2	25.03.2023 . . . . .	39
<b>6</b>	<b>Elementos naturais como inspiração</b>	<b>43</b>
6.1	Possíveis aplicações das estampas desenvolvidas . . . . .	50
<b>7</b>	<b>Conclusão</b>	<b>55</b>
	<b>Referências bibliográficas</b>	<b>57</b>
	<b>Apêndice A</b>	<b>61</b>

# 1 Introdução

A cultura pode ser interpretada por diversas lentes, possuindo afinidades com noções de identidade e memória, passando por uma construção coletiva e também individual. Neste trabalho, utilizamos as ideias de cultura e nação como estratégias narrativas a fim de entender melhor o que significa a identificação de um povo com as práticas locais do território onde se encontra.

Enquanto espécie, estamos inseridos em um universo que nos exige que realizemos determinadas ações, para a própria sobrevivência e convivência. Mas, na qualidade de sociedade, estas ações se diferenciam enquanto o modo de praticar tais papéis. A cultura e a identidade social estão, portanto, no jeito em que cada sociedade faz, age e se comporta diante das questões mais universais. Como afirma Roberto DaMatta (1986),

cada grupo humano, cada coletividade concreta, só pode pôr em prática algumas dessas possibilidades de atualizar o que a condição humana apresenta como universal. (DAMATTA, 1986, p. 13)

Para Homi Bhabha (1998), a escrita da nação ocorre por meio de retalhos, fragmentos da vida cotidiana que, ao serem transformados em signos de uma cultura nacional, produzem uma narrativa construída com o apoio de elementos diversos, incluindo os sujeitos. Stuart Hall (2006) aponta que os sujeitos possuem uma identidade cultural formada e moldada pela cultura nacional e o local em que estão inseridos. Entende-se, então, a construção de uma identificação e identidade cultural como uma via de mão dupla, em que sujeitos e nação estão intrinsecamente interligados e exercem influência um sobre o outro.

Esta relação mútua pode ainda reverberar na percepção de valor de um lugar, visto que a formação cultural de uma comunidade não está consolidada somente nas “experiências, expressões, criações, construções e conhecimentos transmitidos pelos ancestrais, mas também [n]a paisagem e [n]a natureza que caracterizam a relação desse ambiente com a sociedade” (FRONER, 2009, p. 83).

Entendemos ainda que “a sociedade manifesta-se por meio de muitos espelhos e vários idiomas” (DAMATTA, 1986, p. 42). Dentre estas manifestações podemos elencar, entre tantas outras, a comida e culinária, a língua, a arte, a religião, a música. Esta última já foi trabalhada, de certa forma, por mim em trabalho anterior, ao analisar o movimento Tropicalista e seu impacto no que chamamos de brasilidade, que diz respeito à forma como a cultura brasileira é expressada e entendida (OLIVEIRA, 2019). Neste trabalho foram desenvolvidas estampas (Figura 1) cuja inspiração se deu na música Tropicália, de Caetano Veloso, e representativa do movimento Tropicalista tratado na pesquisa de 2019.

Figura 1: Estampas desenvolvidas sobre a Tropicália



Fonte: (OLIVEIRA, 2019)

A presente pesquisa, contudo, tem como local de estudo a cidade de São João del Rei, no centro-sul de Minas Gerais. Município localizado na mesorregião do Campo das Vertentes, tem um patrimônio cultural, histórico e artístico único. Como a maior cidade setecentista do estado, seus edifícios combinam estilos modernos e barrocos. As atrações da cidade incluem ruas antigas, igrejas centenárias, casas coloniais e festas populares. São João del Rei é conhecida como a “terra onde os sinos falam” e possui museus, arquitetura e atividades culturais diversas, que remetem ao estilo colonial da era da exploração do ouro em Minas Gerais. É ainda a terra natal de personalidades brasileiras, como Joaquim José da Silva Xavier – o Tiradentes, e o político Tancredo Neves. Outro ponto importante da cidade, e o que nos é mais caro, é sua grande diversidade ecológica, marcada pela Mata Atlântica e o Cerrado. Assim, montanhas, cachoeiras e uma variada fauna são características notáveis de suas belas paisagens (SÃO... , s.d.).

Estamos estudando, especificamente em São João del Rei, a Serra do Lenheiro e sua biodiversidade, apreciando sua rica flora, fauna e a abundância de rochas. O complexo serrano é difícil de ser mensurado, mas estima-se em uma área de mais de 4800 hectares (PASSARELLI, 2023). De qualquer ponto da cidade é possível avistar a serra, sendo ela “vista como parte da própria ambiência da cidade como um todo” (PASSARELLI, 2023, p. 19). A serra e todos os elementos que a compõe podem ser consideradas, como afirma Ulisses Passarelli (2023, p. 19), patrimônio cultural, “porque são parte da cultura que à sua época os gerou e representam uma parcela ampla da identidade de São João del Rei”.

Desse modo, através do estudo de espécies nativas de São João del Rei e região, buscamos levantar uma discussão acerca da paisagem cultural e suas relações com a cultura de um local. Por definição, a paisagem cultural é formada pela interação entre uma paisagem natural e um grupo cultural. Nesse sentido, a cultura atua como agente e o ambiente natural como meio, resultando na paisagem cultural.

As alterações nas práticas e expressões culturais são espelhadas na paisagem, pelo que conseguindo ler a paisagem cultural conseguimos entender a

cultura de determinada nação. (CARVALHO; MARQUES, 2019, p. 86)

Também procuramos entender como a cultura e a memória se relacionam, abordando ainda conceitos como identidade cultural e cultura nacional. Primeiramente, é importante saber que o conceito de cultura é mutante, uma ideia que acompanha as mudanças ocorridas na sociedade (FRONER, 2009), assim como a ideia de paisagem cultural também apresenta um conceito mais fluido, sendo construído a partir de particularidades sociais, culturais e geográficas (CARVALHO; MARQUES, 2019).

Pierre Nora (1993) argumenta que a memória perdura em eventos, assim como a história. A memória é, portanto, extremamente plural, pois pode ser coletiva ou individualizada. Os diferentes grupos que existem dentro de uma cultura nacional têm diferentes memórias, pois as memórias podem estar em um objeto, uma imagem, um gesto ou um espaço. Yacy-Ara Froner (2009) acredita que a perda da memória é apenas mais um resultado da demanda crescente por coisas novas, imediatas, descartáveis e consumíveis, e, portanto, não deixam marcas. Assim, a perpetuação desse tipo de memória é essencial e pode ocorrer de várias maneiras diferentes e usando uma variedade de práticas.

Pretendemos, então, criar novas estampas a partir do estudo morfológico de espécies coletadas localmente, aliadas ao estudo de catálogos de plantas da região e visitas *in loco* a áreas de preservação ambiental, em especial o Parque Ecológico Municipal Serra do Lenheiro, melhor tratado no item 5.1. As estampas entram como uma ferramenta de design utilizada para a valorização cultural, dada a experiência da autora com a criação de motivos inspirados em elementos naturais e demais signos culturais brasileiros, como visto em Oliveira (2019). O design desempenha papel importante na valorização de identidades locais e manifestações culturais, como será melhor discutido no item 4.

Os catálogos, em especial o Dataplant (2019a), Brandão (2019) e o SiBBr (2020c), são instrumentos essenciais para melhor entender cada espécie estudada, suas características, ocorrências na região, além dos usos e benefícios para o ser humano. Estes materiais costumam ter por base a pesquisa de estudiosos<sup>1</sup> que registraram de forma primária as espécies discutidas, isso quer dizer que, normalmente, são informações “recolhidas em uma época em que a vegetação nativa era preservada e as plantas usadas extensivamente pela população” (BRANDÃO, 2019, p. 7). Outra fonte importante de informações sobre as espécies são acervos e programas de pesquisa, sejam eles governamentais, por meio do setor privado ou de ONGs<sup>2</sup>.

Assim, as questões e tomadas de decisão envolvidas no processo de conservação estão intrinsecamente relacionadas não apenas à preservação da memória social e histórica, mas também à busca

<sup>1</sup>As fontes e referências utilizadas pelo Dataplant podem ser encontradas na página: <https://www.dataplant.org.br/v3-novaversao-block/arquivos/ListaReferencias.pdf>.

<sup>2</sup>Uma lista com tais referências pode ser encontrada no site <https://www.sibbr.gov.br/page/provedores-de-dados.html>.

da identidade cultural e da diversidade cultural (ARAÚJO, 2009). Além disso, essas questões e tomadas de decisão têm um papel fundamental na garantia da continuidade da espécie humana sobre o planeta, uma vez que estão ligadas à possibilidade de preservação do ambiente e da sustentabilidade. Portanto, é crucial que sejam tomadas medidas efetivas de conservação, a fim de proteger não apenas o passado e a cultura, mas também o futuro e a sobrevivência da memória.

Desse modo, o principal objetivo da presente pesquisa é o de promover a valorização da cultura brasileira e de elementos naturais mineiros através do desenvolvimento de estampas e de práticas coletivas, possibilitando, assim, a perpetuação da memória e a apreciação da biodiversidade de São João del Rei e região, visto que Araújo (2009) conclui que “a proteção das paisagens culturais tradicionais poderiam garantir a manutenção da diversidade biológica” (ARAÚJO, 2009, p. 29), enquanto Froner (2009) afirma que os “bens culturais, tangíveis ou intangíveis, são significativos para a manutenção da identidade e da diversidade” (FRONER, 2009, p. 93).

Para entender conceitos como cultura nacional, design de superfície, identidade e paisagem cultural, foram utilizados múltiplos autores que abordam tais temáticas. Portanto, realizamos uma revisão da bibliografia, com o intuito de encontrar fontes que contribuem para o embasamento da pesquisa, a fim de corroborar com os conceitos apresentados. Eva Maria Lakatos e Marina de Andrade Marconi (2003) apontam que

a citação das principais conclusões a que outros autores chegaram permite salientar a contribuição da pesquisa realizada, demonstrar contradições ou reafirmar comportamentos e atitudes. (LAKATOS; MARCONI, 2003, p. 225)

Partindo da ideia da realidade culturalmente construída e a memória coletiva como identidade cultural, o desenvolvimento do presente trabalho é dividido em três seções de embasamento teórico. Primeiro, discute-se a cultura nacional como identificação, baseando-se primariamente em conceitos e discussões levantados por Stuart Hall (2006), Peter Burke (1992), Roberto DaMatta (1986), Olga Lavrenova (2019) e Clifford Geertz (2008). Neste capítulo 2 são abordadas noções de cultura nacional, identidade e construção cultural. Ainda neste capítulo é abordado memória e reconstrução, trazendo Jacques Le Goff (1990), Yacy-Ara Froner (2009) e Pierre Nora (1993) e suas respectivas discussões acerca da memória e suas múltiplas facetas.

No capítulo 3 discorre-se sobre a paisagem cultural como instrumento de preservação, utilizando como aporte a pesquisa publicada por Rafael Winter Ribeiro (2007) e as relações entre paisagem cultural e sustentabilidade pela ótica de Guilherme Maciel Araújo (2009) e Yacy-Ara Froner (2009). Também utilizamos as autoras Raquel Carvalho e Teresa Marques (2019) como aporte teórico neste capítulo.

Em seguida, discute-se sobre o papel do design na valorização cultural, trazendo noções de design e território, cuja principal referência é Lia Krucken (2009), além de uma visão geral sobre

design, baseando-nos em Vilém Flusser (2007). Aprofundamos também nos conceitos-chave sobre design de superfícies, tendo como aporte teórico o livro de Renata Oliveira Teixeira de Freitas (2018), no subitem 4.1. Ainda nesta seção 4, encontra-se o subitem 4.2 que aborda a valorização cultural por meio de espécies nativas, ponto central da pesquisa conduzida no PIPAUS. Este item, por sua vez, tem como base o trabalho desenvolvido por Maria das Graças Lins Brandão (2019) e o banco de dados Dataplant (2019a). Logo em seguida, no subitem 4.3, realizamos um estudo morfológico, a partir, principalmente, de imagens coletadas em catálogos digitais e repositórios virtuais.

Discorremos, no capítulo 5, sobre a importância das práticas coletivas durante a pesquisa. O aporte teórico deste capítulo conta com as autoras Fayga Ostrower (1999) e Cecília Almeida Salles (1998). Tais práticas visaram aliar os conhecimentos científico e popular, possuindo um caráter extensionista, além de uma pesquisa de campo exploratória-descritiva. Para Lakatos e Marconi (2003), a pesquisa de campo tem como interesse o “estudo de indivíduos, grupos, comunidades, instituições e outros campos, visando à compreensão de vários aspectos da sociedade” (LAKATOS; MARCONI, 2003, p. 189). Apresentamos ainda, no item 5.1, as visitas realizadas à Serra do Lenheiro, trazendo imagens do local de estudo e as espécies ali encontradas. As visitas guiadas contaram com a participação da comunidade local, contribuindo, assim, com as práticas coletivas, que geraram então uma observação assistemática, cujo método resumiu-se em um registro espontâneo e não estruturado, com eventual coleta de *feedback*.

O capítulo 6 elenca a importância dos sistemas da área de design de superfície e estampa, além da metodologia utilizada para a criação das estampas e expõe também as estampas desenvolvidas, juntamente com suas respectivas paletas de cores. O subitem 6.1 traz diversos exemplos de como as estampas desenvolvidas podem ser aplicadas em objetos do dia-a-dia, corroborando com o que vem sendo discutido. Fechamos o trabalho com o capítulo 7, intitulado conclusão, e, finalmente, apresentamos as referências bibliográficas utilizadas.

## 2 A cultura nacional como identificação

A palavra cultura tem por definição um “conjunto das estruturas sociais, religiosas etc., das manifestações intelectuais, artísticas etc., que caracteriza uma sociedade, diferenciando-a de outras” (CULTURA. . . , 2023). Pode expressar ainda uma tradição, memória social ou modo de fazer específicos de um grupo social.

A cultura pode também ser entendida como um sistema auto-organizado, um conjunto de características que produzem significados, e um sistema relacionado de valores e padrões transmitidos no tempo e determinantes da vida de uma comunidade humana territorial específica, como afirma Olga Lavrenova (2019).

Dentro do conceito amplo de cultura, surge então o conceito mais específico de cultura nacional. Segundo Stuart Hall (2006), a cultura nacional na qual o sujeito nasce consiste em uma das fontes fundamentais de formação de sua identidade cultural. Tal cultura nacional, portanto, é na verdade um discurso, uma construção de sentidos que interfere e atua na construção de identidades e ações de sujeitos nela inseridos. O autor ainda afirma que “uma cultura nacional atua como uma fonte de significados culturais, um foco de identificação e um sistema de representação” (HALL, 2006, p. 57-58).

A cultura pode ainda denotar um paradigma historicamente transmitido, apoiado por símbolos, acontecimentos, objetos ou relações que fazem parte da comunicação, perpetuação e desenvolvimento de atividades e conhecimentos cotidianos (GEERTZ, 2008). Indica também o modo de fazer, pensar e agir, visto que

tanto os homens como as sociedades se definem por seus estilos, seus modos de fazer as coisas. Se a condição humana determina que todos os homens devem comer, dormir, trabalhar, reproduzir-se e rezar, essa determinação não chega ao ponto de especificar também que comida ingerir, de que modo produzir, com que mulher (ou homem) acasalar-se e para quantos deuses ou espíritos rezar. (DAMATTA, 1986, p. 12)

Hall (2006) aponta que as sociedades modernas passam por constantes mudanças. Mudanças estas permanentes, rápidas e muitas vezes influenciadas por questões externas à própria sociedade. Peter Burke (1992) traz a ideia de que a realidade pode ser cultural ou socialmente construída, partindo da noção de que a construção cultural é altamente variável, mutável e influenciável tanto pelo tempo quanto pelo espaço. Lavrenova (2019) afirma que a cultura e os sujeitos nela inseridos estão em constante comunicação, criando um sistema que em grande medida determina a existência de uma cultura, incluindo a sua existência no espaço.

Desse modo, a identidade é na verdade uma identificação, que ocorre em um processo contínuo, com interferência exterior ao sujeito. Da mesma forma, os sujeitos formam e participam da ideia de

uma nação, construindo a cultura nacional e um sistema de representação cultural que se torna uma comunidade simbólica, onde observa-se um sentimento de lealdade e identidade. Sobre as culturas nacionais, Hall (2006) afirma que

as culturas nacionais, ao produzir sentidos sobre “a nação”, sentidos com os quais podemos nos *identificar*, constroem identidades. Esses sentidos estão contidos nas estórias que são contadas sobre a nação, memórias que conectam seu presente com seu passado e imagens que dela são construídas. (HALL, 2006, p. 51, grifos do autor)

Jacques Le Goff aponta que “a falta ou a perda, voluntária ou involuntária, da memória coletiva nos povos e nas nações pode determinar perturbações graves da identidade coletiva” (LE GOFF, 1990, p. 425). Isto se torna ainda mais preocupante, visto que “o homem é o único animal que se constrói pela lembrança, pela recordação e pela ‘saudade’, e se ‘desconstrói’ pelo esquecimento e pelo modo ativo com que consegue deixar de lembrar” (DAMATTA, 1986, p. 58, grifos do autor). Portanto, é importante que, enquanto sociedade, mantenhamos a memória viva, perpetuando nossos modos de fazer, nossa cultura.

Pierre Nora defende que “a memória pendura-se em lugares, como a história em acontecimentos” (NORA, 1993, p. 25). A memória, portanto, é múltipla, podendo ser coletiva ou individualizada e, desse modo, extremamente plural. Os diferentes grupos presentes em uma cultura nacional apresentam diferentes memórias, visto que a memória pode estar no objeto, na imagem, no gesto, no espaço. Para Yacy-Ara Froner (2009),

a destruição da memória é apenas mais uma consequência da necessidade cada vez maior do novo, do imediato, do descartável, do consumível e, portanto, daquilo que silencia, porque não deixa marcas. (FRONER, 2009, p. 89)

Assim, a perpetuação de tal memória é essencial e pode também se dar de forma múltipla, heterogênea, envolvendo diversas práticas.

### 3 A paisagem cultural como instrumento de preservação

Paisagem é um conceito abrangente, possuindo diversas interpretações. É tanto um elemento por si só, como um resultado de interações com grupos humanos e sociedades. É ainda um conceito que acolhe “ideias, dinâmicas, significados, interpretações e vivências” (CARVALHO; MARQUES, 2019, p. 88). A paisagem é dinâmica pois está em constante transformação, sendo influenciada pelo tempo, pelas atividades humanas e pelas forças da natureza. Pode ainda ser vista como uma representação visual do ambiente natural ou construído, incluindo elementos como montanhas, rios, cidades e edifícios.

No entanto, ela vai além do aspecto visual e está intrinsecamente ligada às experiências humanas e à percepção individual. Além disso, a paisagem pode ser entendida como uma expressão cultural, refletindo os valores, crenças e identidades de uma sociedade. Ela pode ser moldada por fatores históricos, políticos, econômicos e sociais, resultando em paisagens urbanas, rurais, industriais, entre outras. Rafael Winter Ribeiro (2007) aponta que

a paisagem pode ser lida como um documento que expressa a relação do homem com o seu meio natural, mostrando as transformações que ocorrem ao longo do tempo. A paisagem pode ser lida como um testemunho da história dos grupos humanos que ocuparam determinado espaço. Pode ser lida, também, como um produto da sociedade que a produziu ou ainda como a base material para a produção de diferentes simbologias, *locus* de interação entre a materialidade e as representações simbólicas. (RIBEIRO, 2007, p. 9)

Quando pensada da relação entre natureza e atitudes humanas, a paisagem cultural pode trazer uma estética e uma criação simbólica, que nada mais são que impressões e expressões humanas que refletem o pensamento e a perspectiva de um povo ou nação sobre o que se encontra à sua volta.

As paisagens culturais podem ser definidas como bens culturais que expressam as atividades conjuntas da natureza e do homem. A evolução das sociedades e dos assentamentos humanos ao longo do tempo é exemplificada pelas paisagens culturais, que são moldadas pela influência de barreiras físicas e pelas oportunidades apresentadas pelo ambiente natural, além das forças culturais, sociais e econômicas (ARAÚJO, 2009). Para Raquel Carvalho e Teresa Marques (2019), é importante ressaltar que o entendimento de paisagens culturais deve partir de três pontos:

primeiro, a noção de que as paisagens culturais são testemunhos de saberes e, como tal, contribuem para perceber a história e cultura de dada paisagem, revelando a sua identidade. Segundo, a leitura e interpretação dessas paisagens são lições e ferramentas essenciais para uma correta gestão e intervenção nas paisagens culturais, quer presente, quer futura. Terceiro, as

decisões sobre o futuro das paisagens culturais devem garantir a sua especificidade e contributo, social, econômico, cultural e ambiental tanto para as comunidades locais como para a diversidade global. (CARVALHO; MARQUES, 2019, p. 95)

Por outro lado, Ribeiro (2007) estabelece como paisagens culturais áreas naturais e espaços habitados que possuem relevância cultural e/ou histórica, além de uma continuidade e tradição. Ainda dentro do conceito de paisagem cultural, existe a paisagem cultural associativa, definida como paisagens que dispõem de associações culturais, artísticas ou religiosas com o elemento natural, incluindo, dessa forma, aspectos intangíveis ou imateriais à uma paisagem. Para Guilherme Maciel Araújo (2009), a abordagem da paisagem associativa busca explorar as associações culturais que são atribuídas a tais paisagens.

Carvalho e Marques (2019) explicam que a paisagem cultural pode ser entendida como um produto cultural complexo que surge a partir de convicções humanas e é uma apropriação deliberada do território ou ambiente circundante, que reflete uma visão ou modo de vida específicos. São paisagens distintas, representativas e caracterizantes, que muitas vezes resultam de reordenações de gerações anteriores e, portanto, são memórias que formam um repertório de experiências e sabedoria passadas, gerando um sentimento de pertencimento e enraizamento.

Sendo a paisagem uma visão cultural da natureza, Ribeiro (2007) aponta como componentes de tal paisagem a flora, a fauna, as florestas e a biodiversidade. Estão ainda inclusas as cidades – ou qualquer assentamento habitado –, águas e montanhas. Ainda segundo o autor, as paisagens possuem um triplo significado cultural: o primeiro significado diz respeito à percepção do território; o segundo significado concerne ao relacionamento entre o meio ambiente e os sujeitos, sendo, então, um testemunho do passado; por fim, o terceiro ponto argumenta que a paisagem serve como amparo no que tange a especificação e identificação de culturas locais, práticas e tradições. Portanto, dentro da pesquisa desenvolvida, buscamos entender melhor a relação da flora nativa da região estudada com a cultura local, identificando possíveis práticas – coletivas ou individuais – que aliam elementos naturais aqui presentes e diferentes tradições.

As discussões levantadas acerca dos temas cultura nacional, memória, paisagem cultural e identidade levam à reflexão sobre o papel de uma determinada localidade em um contexto mais abrangente da cultura nacional e como a memória pode ser reconstruída e resgatada, agindo ainda como um instrumento de preservação da identidade local. Como locais de histórias e memórias, Carvalho e Marques (2019) apontam que as paisagens culturais também incorporam espaços funcionais e produtivos. Assim sendo, Nora (1993) afirma que

a memória é vida, sempre carregada por grupos vivos e, nesse sentido, ela está em permanente evolução, aberta à dialética da lembrança e do esquecimento, inconsciente de suas deformações sucessivas, vulnerável a todos os

usos e manipulações, suscetível de longas latências e de repentinas revitalizações. (NORA, 1993, p. 9)

Portanto, a memória é algo mutável, construível, manipulável e suscetível a interferências externas que, quando trabalhada da perspectiva da tradição, pode resultar em um testemunho da história e do passado de uma sociedade ou nação, auxiliando na valorização e perpetuação de uma determinada cultura.

## 4 Valorização cultural através do design

De origem latina, a palavra design vem de *signum*, signo, desenho. Enquanto substantivo, design é sinônimo de propósito, plano ou forma. Podendo ser também um verbo – especialmente em inglês –, *to design* significa projetar, esquematizar, simular, configurar, ou ainda, proceder de modo estratégico. Lia Krucken (2009, p. 42) defende que design é a “mediação de dimensões imateriais (imagens e ideias) com materiais (artefatos físicos)”. Vilém Flusser (2007) aponta que o design veio como uma ponte entre a arte e a técnica, já que, a partir do fim do século XIX, as duas áreas “caminham juntas, com pesos equivalentes, tornando possível uma nova forma de cultura” (FLUSSER, 2007, p.184).

A valorização de uma cultura pode se dar de diversas formas, abrangendo, por exemplo, a valorização de produtos locais, manifestações culturais, identidades, recursos regionais, comunidades, territórios e práticas. Para Krucken (2009), o design tem um importante papel na valorização cultural através de produtos e recursos específicos de um território ao “reconhecer e tornar reconhecíveis valores e qualidades locais” (KRUCKEN, 2009, p. 18), identificando, assim, diversos patrimônios materiais e imateriais. Ainda segundo a autora, são três as contribuições principais do design para a apreciação de produtos locais, sendo elas: promover e garantir a qualidade nos processos de fabricação e produtos; colaborar na comunicação entre produtores e consumidores, intensificando, assim, as relações territoriais; e, fortalecer o desenvolvimento de cadeias de valor, apoiando principalmente micro e pequenos empreendedores.

A valorização de produtos locais pode se dar de diferentes formas. Krucken (2009) elenca oito ações pertinentes ao campo do design que podem contribuir com a promoção de produtos e territórios, sendo elas:

reconhecer as qualidades do produto e do território; ativar as competências situadas no território; comunicar o produto e o território; proteger a identidade local e o patrimônio material e imaterial; apoiar a produção local; promover sistemas de produção e de consumo sustentáveis; desenvolver novos produtos e serviços que respeitem a vocação e valorizem o território; e, consolidar redes no território. (KRUCKEN, 2009, p. 98)

Na presente pesquisa, focamos em algumas dessas ações a fim de atingir os objetivos propostos. Em especial, nos é importante reconhecer as qualidades do produto e do território, desenvolvendo novos produtos que valorizem, protejam e comuniquem a identidade local, o território, e os patrimônios aqui presentes. Corroborando com os objetivos do trabalho, Krucken (2009) defende que é essencial

valorizar e proteger o patrimônio material e imaterial. Os elementos que re-

giram as histórias e a passagem dos anos são testemunhas da comunidade que vive e viveu no território. Proteger o patrimônio também significa resguardar uma herança para os sucessores no uso do território. (KRUCKEN, 2009, p. 102)

Portanto, através do reconhecimento de qualidades territoriais, recursos e conhecimentos locais, pode-se promover maior visibilidade das comunidades envolvidas e a história por trás de produtos e técnicas. Dessa forma, é possível a comunicação de elementos sociais e culturais, contribuindo para práticas mais sustentáveis, além da “proteção do patrimônio cultural e a diversidade das culturas, sendo desse modo um fator de preservação da herança cultural” (KRUCKEN, 2009, p. 23).

São diversos os marcadores de identidade local, sendo eles elementos da paisagem, características do clima, história e cultura local, estilo de vida de seus habitantes, além de elementos do patrimônio tanto material quanto imaterial. Para Froner (2009), os patrimônios tangíveis e intangíveis estabelecem ainda uma relação, integração, visto que

podemos tratar o patrimônio intangível de forma a torná-lo tangível: fotografá-lo, filmá-lo, gravá-lo ou congelá-lo; ou podemos criar mecanismos para que ele permaneça vivo, não apenas na memória, mas nas experiências cotidianas e nas manifestações reais de cada povo. (FRONER, 2009, p. 88)

Desse modo, dentre os elementos do patrimônio material estão os artefatos, objetos, artesanato e arte, e a arquitetura locais. Já os elementos do patrimônio imaterial são os rituais, folclore, música, línguas, entre outros. De forma geral, o patrimônio cultural imaterial é representado por práticas, técnicas, representações, manifestações e conhecimentos que indivíduos ou grupos afirmam como um importante componente de suas culturas, sendo muitas vezes transmitido de geração em geração. Sendo assim, é uma parte da identidade, em que, através da continuidade de saberes, contribui para estimular o respeito à diversidade cultural.

## **4.1 Design de superfícies**

O design de superfícies é uma área do design que abrange técnicas e expressões presentes em outros campos projetuais. Explorando as diversas possibilidades de uma superfície – seja ela concreta ou virtual –, modificando sua aparência através de elementos visuais ou táteis, o design de superfícies propõe uma interação entre objeto e observador/usuário. Análogos a este campo estão o design têxtil e o design de estampa, visto que ambos compartilham técnicas presentes também no design de superfície. Pesquisadores da área de superfícies apontam ainda que o campo pode ter surgido a partir de “especulações e experiências” na área do design têxtil, além de compartilhar elementos projetuais com as áreas de design de interiores e cerâmica, por exemplo (FREITAS, 2018).

As qualidades principais de uma superfície a serem trabalhadas pelo campo do design são as texturas, os grafismos e as cores. Portanto, o design de superfície propõe-se a

trabalhar a superfície, fazendo desta não apenas um suporte material de proteção e acabamento, mas conferindo à superfície uma carga comunicativa, (...) capaz de transmitir informações sígnicas que podem ser percebidas por meio dos sentidos. (FREITAS, 2018, p. 17)

No campo do design de superfícies é possível trabalhar com diferentes superfícies, métodos, matérias e estruturas. Sua função é “tratar, explorar e ressaltar a interface comunicativa dos objetos, unindo características funcionais e estéticas (FREITAS, 2018, p. 20). Outro ponto importante da área é a oportunidade de trabalhar com sentidos e sensações, trazendo uma qualidade imaterial para a superfície que se conecta com a capacidade informacional e comunicacional proposta pelo projeto.

A escolha do material a ser trabalhado em um projeto de design de superfície representa tanto uma potencialidade quanto um limite. De caráter bi ou tridimensional, uma superfície possui um volume específico, sendo um corpo, objeto em si, ou parte de um todo. Renata Oliveira Teixeira de Freitas (2018) afirma que, do ponto de vista industrial,

a dinâmica dos materiais transita entre as questões de caráter prático: viabilidade de uso, possibilidades de transformações, qualidades originais, adequação aos processos de fabricação e potencialidades intangíveis. (FREITAS, 2018, p. 47)

Nesse sentido, ao empregar no projeto elementos como texturas, grafismos e cores que transmitam e comuniquem certos marcadores de identidade local, é possível aliar o design de superfície e a valorização de uma cultura e identidade local.

## **4.2 Espécies nativas e valorização cultural**

O Brasil é um país rico em biodiversidade, contendo milhares de espécies endêmicas, espécies nativas e restritas ao território. Tais espécies e a biodiversidade brasileira como um todo são características que chamam a atenção com relação ao território, com relatos que datam do século XV em diante, por meio de historiadores, naturalistas, entre outros, que observaram os aspectos naturais aqui presentes (OLIVEIRA, 2019).

A biodiversidade, no entanto, possui diferentes dimensões, como aponta Krucken (2009). A primeira é a dimensão ecológica, em que são destacados o funcionamento do ecossistema como um todo, além de seu papel na produtividade e recuperação de espécies, por exemplo. Outra dimensão

da biodiversidade é a que tange a economia, isto é, a proposta de valor, como o uso de espécies para fins econômicos e produtivos. Por fim, tem-se a dimensão cultural, em que são relevantes a existência de espécies enquanto patrimônio, além da aplicação ética e na cultura de um determinado local.

Figura 2: Vista aérea das serras ao redor de São João del Rei



Fonte: Captura de tela do Google Maps

A cidade de São João del Rei é localizada em um vale, entre a Serra do Lenheiro e a Serra de São José, mostradas na Figura 2 à esquerda e à direita, respectivamente. Estas serras possuem uma biodiversidade relevante, sendo objeto de estudos diversos, como a obra de frei José Mariano da Conceição Vellozo (BRANDÃO, 2019), naturalista e botânico nascido na atual cidade de Tiradentes. Frei Vellozo (1742-1811) tem importante papel como divulgador da ciência, fazendo um levantamento de milhares de espécies de plantas úteis e medicinais encontradas na região sudeste do Brasil, incluindo a região do Campo das Vertentes, onde se localizam os municípios de São João del Rei e Tiradentes. A obra compilada por Maria das Graças Lins Brandão (2019) é o principal guia para a pesquisa aqui conduzida no que se refere às espécies nativas da região de estudo.

A Serra de São José é uma formação rochosa situada entre as cidades de São João del Rei e Tiradentes, abrangendo ainda os municípios de Santa Cruz de Minas, Prados e Coronel Xavier Chaves. A Serra está a leste da cidade de São João del Rei e possui um trajeto de aproximadamente 12 quilômetros de trilha, passando por cachoeiras, mirantes, lagos e vegetação nativa típica de Cerrado e Mata Atlântica (SERRA... , s.d.).

Já a Serra do Lenheiro é uma formação que data mais de 1,6 bilhões de anos e está localizada a oeste e noroeste da cidade de São João del Rei. Possuindo grande relevância cultural e histórica na região, a Serra do Lenheiro forneceu, durante anos, diversos recursos naturais essenciais para a construção da cidade mineira, como lenha de árvores, pedras, e importante fonte de água. A serra apresenta uma série de bens patrimoniais, que são assim categorizados “porque compõe o modo de ser, de viver, de coexistir com o ambiente por parte dos são-joanenses durante longo período de tempo da formação da são-joanidade” (PASSARELLI, 2023, p. 19). Ulisses Passarelli (2023)

ainda aponta que

o patrimônio compõe-se de um ambiente cultural, onde árvores, pássaros, a pedreira, o córrego e um muro de arrimo se inter-relacionam como um todo, literalmente um conjunto. Tudo imerso em um campo histórico, em um contexto econômico de certa época, na representação de um modo de viver na sociedade daquele tempo no qual a estrutura foi feita. A inserção do bem construído na paisagem revela a ocupação do território a fim de explorar suas potencialidades e esta atividade reflete na própria construção da sociedade local em seus mais variados aspectos, que vão desde os econômicos aos cerimoniais, dos arquitetônicos aos de estruturação social. (PASSARELLI, 2023, p. 19)

Segundo reportagem veiculada pelo Museu Regional de São João del Rei, a serra, “antes de tudo, faz parte da identidade local” (SERRA..., 2021), corroborando com o que foi apontado pelo autor já citado. Além da relação afetiva e histórica da população com a serra, é possível ainda encontrar pinturas rupestres, trilhas por dentro da mata, poços de água, grutas, bio e geodiversidade. Em setembro de 2023, foi publicado um Decreto que determina a

homologação do processo de tombamento do bem cultural “Conjunto Paisagístico SERRA DO LENHEIRO”, como Patrimônio Cultural de São João del-Rei, contribuindo assim para seu reconhecimento e preservação, com inscrição no Livro de Tombo de Conjuntos Paisagísticos. (BRASIL, 2023)

Dentro da pesquisa desenvolvida por Vellozo e catalogada por Brandão (2019), existem diversas espécies apontadas como nativas da flora de São João del Rei e região, incluindo espécies abundantes em ambas as serras. Através do estudo de algumas dessas espécies, buscamos trazer uma maior valorização para a biodiversidade local, possibilitando, assim, entender a relação entre memória, cultura e identidade cultural. Algumas dessas espécies serão apresentadas a seguir.

Figura 3: Caapeba



Fonte: Colagem desenvolvida pela autora

Conhecida também como pariparoba ou guaxima<sup>3</sup>, a caapeba (*Piper umbellatum* L.), apresentada na Figura 3, é uma planta nativa da família Piperaceae que ocorre na região, especialmente em locais úmidos. É considerada uma PANC (planta alimentícia não convencional) e por isso vem sendo usada na alimentação, tendo benefícios como ação anti-inflamatória, antibacteriana, antioxidante e proteção gástrica (BRANDÃO, 2019, p. 38). Outro uso comum é em forma de chá, para combater resfriados, por conta de sua propriedade desobstruente. Através da maceração, processo que consiste em empapar a folha em líquido para obter seu princípio ativo, são extraídas substâncias que auxiliam contra dores de dente e de barriga (DATAPLAMT, 2019c).

<sup>3</sup>Outros nomes ainda incluem aguaxima, aguaxuma, caá-peua, caena, capeba, capeua, catage, malva disco, malva-disco, malvaíscio, malva d'isco, malva-d'isco, mático, matico de Puna, matico-de-puna, mohó, pariparoba do mato, pariparoba-do-mato, paripoba, pariparoba, e pimenta rabuda (DATAPLAMT, 2019c).

Figura 4: Carqueja



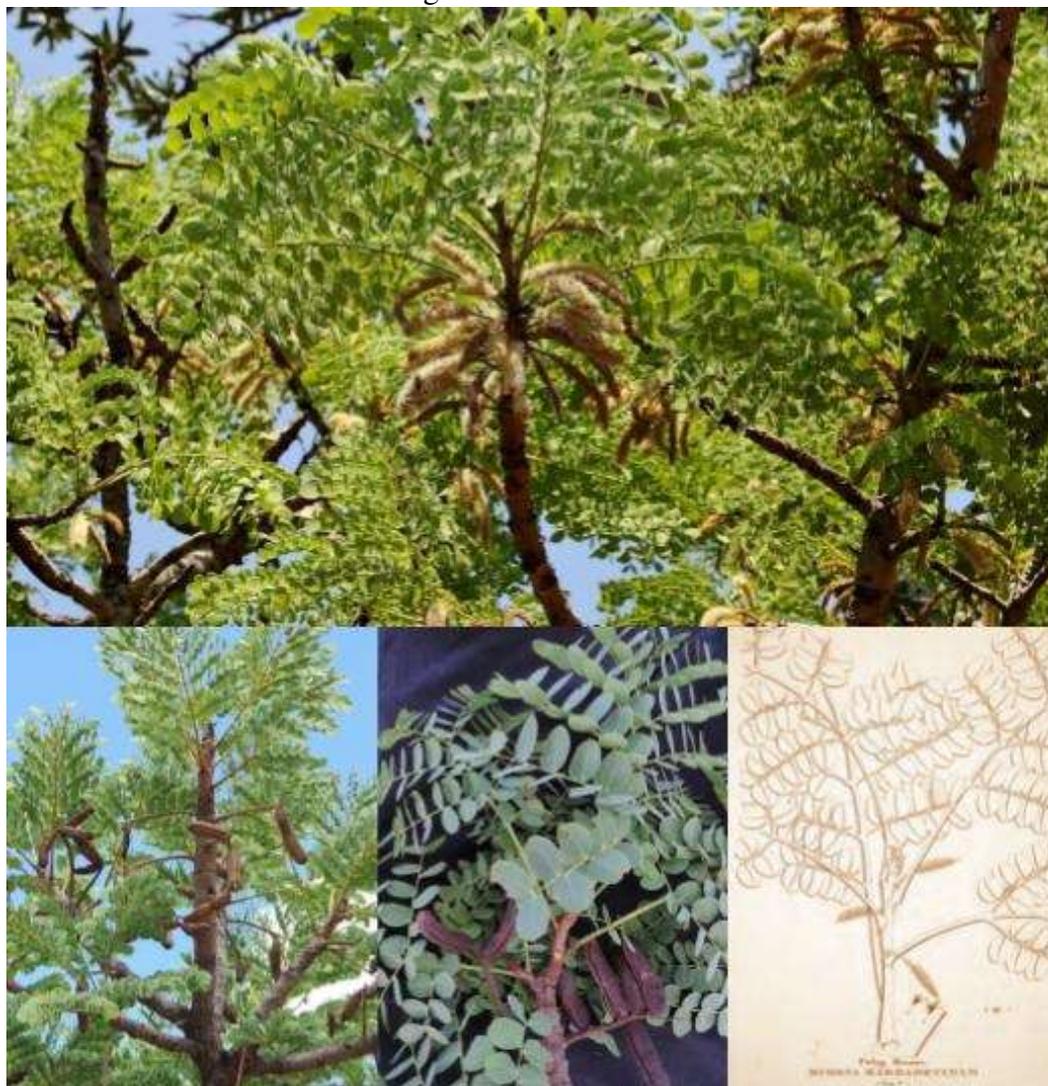
Fonte: Colagem desenvolvida pela autora

A carqueja (Figura 4), também conhecida como carqueja-amargosa<sup>4</sup>, tem propriedades medicinais amplamente estudadas. De nome científico *Baccharis crispa* Spreng. ou *Baccharis trimera* (Less.) DC., a carqueja possui sabor amargo e ação digestiva. Auxilia ainda na proteção hepática (BRANDÃO, 2019, p. 47), em doenças do fígado e do baço, sendo também antitérmica (DATAPLAMT, 2019d). A Agência Nacional de Vigilância Sanitária (ANVISA, 2022, p. 45-48) reconhece a preparação extemporânea e a tintura como tratamentos que utilizam do caule da carqueja. A tintura consiste na extração do medicamento através da utilização de álcool, enquanto a preparação extemporânea se caracteriza como qualquer preparação para uso em até 48 horas após

<sup>4</sup>Outras nomenclaturas incluem cacalia amarga, cacalia-amarga, carqueja amarga, carqueja-amarga, carqueja-amargosa, carqueja doce, carqueja-doce, quina de condaime, quina-de-condaime, vassoura (DATAPLAMT, 2019d), ou ainda vassourinha e carquejinha (UFSC, 2020a)

sua manipulação, seguindo instruções individualizadas (RESOLUÇÃO... , s.d.).

Figura 5: Barbatimão



Fonte: Colagem desenvolvida pela autora

Na Figura 5 está representado o barbatimão, de nome científico *Stryphnodendron adstringens* (Mart.) Coville, espécie encontrada no cerrado e com diferentes nomenclaturas, sendo tratada por diversos binômios (OCCHIONI, 1990). Também conhecida como barba-de-timão<sup>5</sup>, possui casca grossa, rica em taninos, além de propriedades adstringentes e cicatrizantes (BRANDÃO, 2019, p. 127). Segundo Lima et al. (2016), essa espécie possui grandes quantidades do composto taninos, cerca de 20%, o que significa que “plantas com alto teor de taninos são utilizadas popularmente

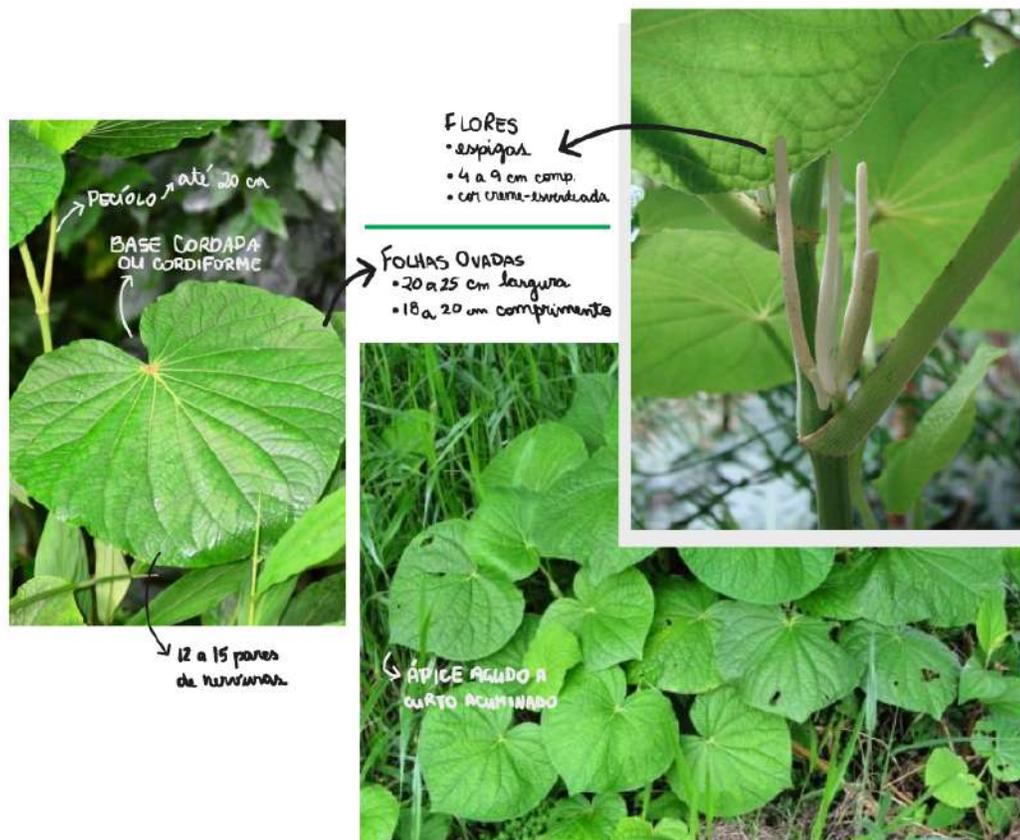
<sup>5</sup>Ou ainda barba de timan, barba-de-timan, barba de timão, barbatimão verdadeiro, barbatimão-verdadeiro, charãozinho, charãozinho roxo, charãozinho-roxo, iba-timão, uabatimó, uábatimão, ybá timão, ybátimão (DATAPLAMT, 2019b), além de barbatimão-branco, casca-da-virgindade ou faveira (SIBBR, 2020d).

como antioxidantes e antimicrobianos”. Utilizada também para diarreias, anemias e feridas, essa espécie foi empregada na indústria do curtume e possui propriedades tintórias (DATAPLAMT, 2019b).

### 4.3 Estudo morfológico

A fim de dar prosseguimento à pesquisa e me familiarizar ainda mais com as espécies elencadas no item anterior (4.2), conduzo a seguir um estudo morfológico a partir de imagens coletadas em catálogos digitais, repositórios virtuais e artigos científicos sobre cada uma das espécies. Para facilitar o entendimento de termos utilizados nas descrições taxonômicas foram utilizados alguns glossários, a saber: Alencar (1998), HUNI (2016), Ministério da Agricultura Pecuária e Abastecimento Brasil (2009) e Martin (2005).

Figura 6: Estudo: Caapeba



Fonte: Colagem desenvolvida pela autora

A Figura 6 apresenta um breve estudo morfológico acerca da espécie *Piper umbellatum* L.. Segundo Gilbert e Favoreto (2010) e informações do portal SiBBR (2020b), as folhas da caapeba possuem uma base cordada, ou cordiforme, um formato que se parece com um V arredondado.

Seu ápice, que quer dizer o final da folha, é de agudo a curto acuminado. O tamanho das folhas varia de 20 a 25 centímetros de largura e de 18 a 20 centímetros de comprimento, fazendo com que sejam ovadas<sup>6</sup>. Possuem ainda de 12 a 15 pares de nervuras em sua superfície. O pecíolo, ou pé da folha, pode ter até 20 centímetros. Suas flores são discretas e possuem forma de espiga, coloração creme-esverdeada e comprimento de 4 a 9 centímetros.

Figura 7: Estudo: Carqueja



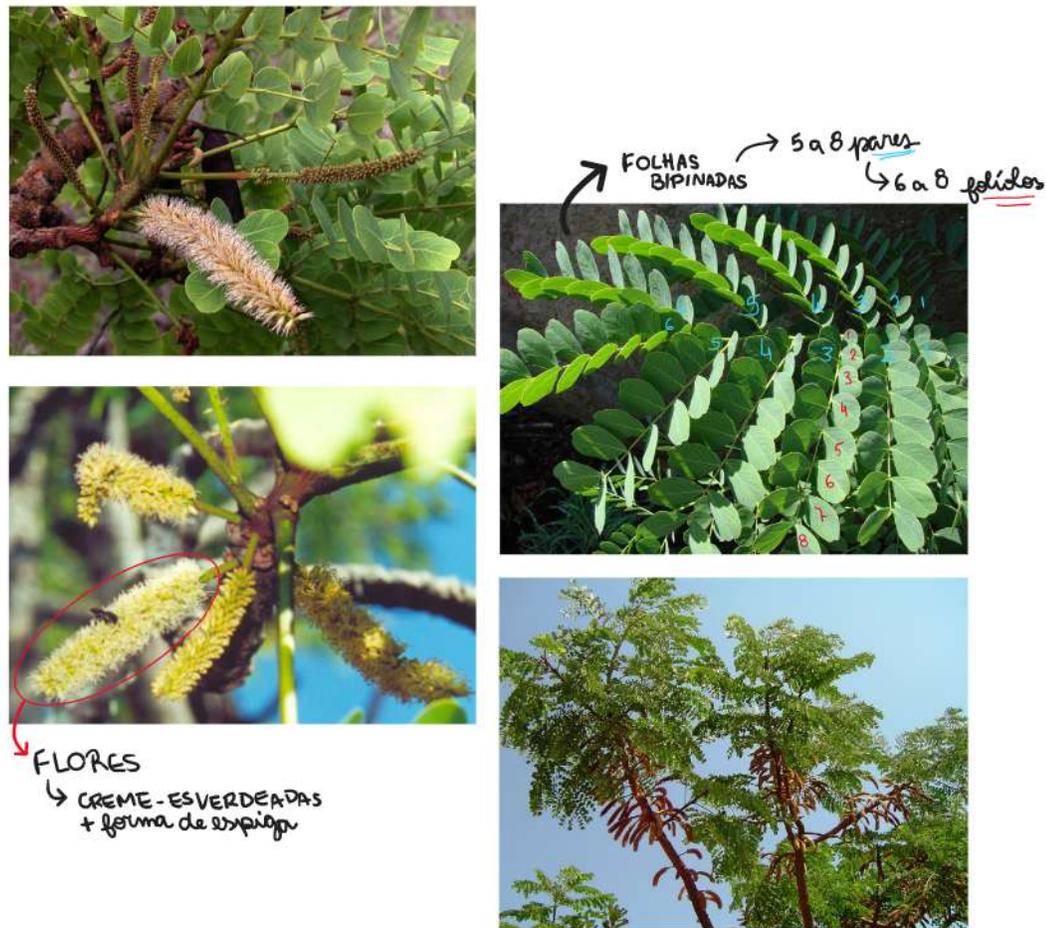
Fonte: Colagem desenvolvida pela autora

Na Figura 7 está representado o estudo morfológico da carqueja (*Baccharis crispa* Spreng.), que apresenta subarbustos eretos, isto significa que é uma planta de pequeno porte com desenvolvimento vertical. Seus exemplares podem chegar até 1 metro de altura (HEIDEN, s.d.). Suas folhas são escamiformes e sésseis, o que significa que possuem formato semelhante a uma escama, com

<sup>6</sup>Também referidas como reniformes ou orbiculadas.

folhas que se conectam diretamente ao ramo. Este, se assemelha a uma espiga e possui de 3 a 20 centímetros de comprimento. As flores, por sua vez, são pequenas, de coloração branca ou amarelada (UFSC, 2020a), dispostas em capítulos aglomerados, muito próximas umas às outras, e de 30 a 40 flores por exemplar (SIBBR, 2020a).

Figura 8: Estudo: Barbatimão



Fonte: Colagem desenvolvida pela autora

A Figura 8 apresenta um breve estudo morfológico acerca da espécie *Stryphnodendron adstringens* (Mart.) Coville, tratada aqui como barbatimão. Segundo Lima et al. (2016), as folhas são bipinadas em pares, ou seja, são ramificações que sustentam os folíolos, também em pares. Geralmente apresentam de 5 a 8 pares de pinas (ramificações), cada uma contendo entre 6 e 8 pares de folíolos. Já as flores possuem forma de espiga e coloração creme-esverdeada.

## 5 Práticas coletivas

Os resultados de uma pesquisa de cunho artístico, que envolve um processo de criação – seja ele coletivo ou individual – são, de certa forma, difíceis de mensurar. Por ser um processo único para cada indivíduo, os resultados são também subjetivos, não havendo uma análise pragmática ou determinista que possa ser feita. Dessa forma, o que encaramos como resultados, até agora, da presente pesquisa são os impactos iniciais na comunidade envolvida com as práticas realizadas, tendo em suas primeiras impressões, *feedbacks* e demais devolutivas, o nosso norte quanto a estarmos em um caminho certo ou não.

Não tendo apenas objetos e produtos enquanto resultado, encaramos o processo de criação e a promoção de vivências também como resultados alcançados. Nosso intuito com as práticas coletivas é o de estimular a curiosidade e o interesse dos eventuais participantes, enquanto uma oportunidade de criatividade e experimentações, criando assim estímulos que podem gerar frutos, tanto imediatos quanto a médio prazo.

As práticas coletivas podem ser uma fonte de reflexão estimulante para o momento de criação, potencializando possibilidades e impulsionando o processo criativo. As individualidades de cada integrante se traduzem para o coletivo que, após momento de adaptação, constituem uma complexa rede de inferências e produzem uma forte tendência comunicativa.

Outro ponto importante da coletividade é o fato de que a criação conta com a multiplicidade de olhares e impressões, advindas de cada participante. Nenhum indivíduo, ao criar, começa do zero, do nada, do vazio. Ele carrega em si todo um conhecimento prévio, informações que são ativadas no ato criador. Fayga Ostrower (1999) afirma que, além dos impulsos do inconsciente, entra no processo criativo tudo o que o sujeito sabe, tudo que ele pensa e imagina. Dessa forma, o processo é uma continuidade, na qual a obra tende a se desenvolver em paralelo a sua própria execução, sendo o processo de criação tão importante quanto o produto ou obra final.

Toda essa bagagem, artística ou não, gera resultados interessantes quanto ao processo, podendo ser levantada ainda uma discussão sobre conhecimento, memória e imaginação – e suas relações. Cecilia Almeida Salles (1998) aponta que

lembrar não é reviver mas refazer, reconstruir, repensar com imagens de hoje as experiências do passado. A memória é ação. A imaginação não opera, portanto, sobre o vazio, mas com a sustentação da memória. (SALLES, 1998, p. 100)

Desse modo, a criação se torna um processo de combinação e recombinação, de transformação de todo um conhecimento prévio e a formalização desse processo através de uma coletividade que instiga a imaginação e a criatividade.

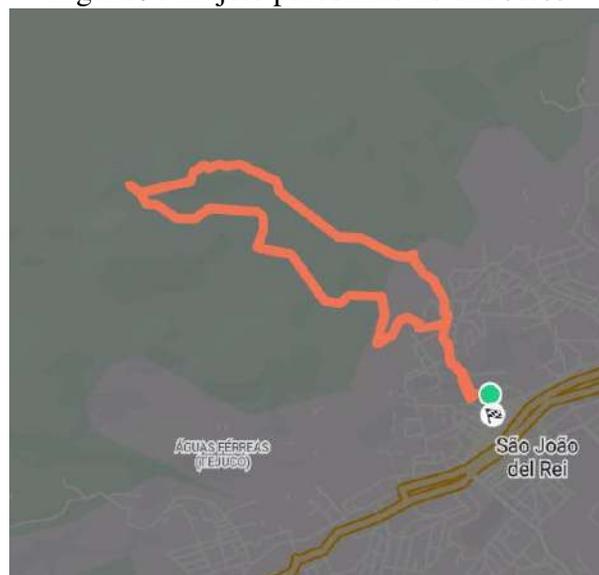
## 5.1 Visitas à Serra do Lenheiro

Coadunando com o que foi discutido na seção 5, foram realizadas duas visitas ao complexo da Serra do Lenheiro, a fim de explorar a região, conhecendo as espécies nativas ali presentes e criando uma interação entre local e sujeitos. A primeira visita foi realizada com o intuito de me familiarizar pessoalmente com o complexo, funcionando como um primeiro contato direto com a serra. Já a segunda oportunidade de visita, organizada por mim, e divulgada entre a comunidade acadêmica e conhecidos que residem em São João del Rei, teve como objetivo compartilhar os saberes adquiridos ao longo da pesquisa com relação a serra e as espécies estudadas. Para alguns dos participantes foi o primeiro contato com o complexo, que conta com um Parque Ecológico Municipal, cuja área abrange boa parte do caminho percorrido durante as visitas.

### 5.1.1 07.03.2023

A primeira visita ao complexo da Serra do Lenheiro aconteceu no dia 07 de março de 2023, pela manhã. A caminhada durou cerca de 04 horas e 30 minutos, sendo os pontos de partida e retorno a Igreja do Carmo, no Centro Histórico de São João del Rei. Tendo início no período da manhã, por volta de 07h30min, o percurso totalizou 9,51 quilômetros percorridos, sendo o ponto mais alto localizado a 1142 metros de altitude. A visita foi feita com a orientação do guia de turismo Luiz Miranda, nativo de São João del Rei e grande conhecedor da região. Ele nos conta que cresceu nos arredores da Serra do Lenheiro e estuda a região junto de outros profissionais de diversas áreas do conhecimento. A Figura 9 é uma demonstração gráfica do trajeto percorrido.

Figura 9: Trajeto percorrido no dia 07.03



Fonte: Captura de tela do aplicativo Zepp

A caminhada partiu da Igreja do Carmo, ponto de fácil acesso ao bairro Senhor dos Montes, uma das regiões da cidade onde a serra está presente. As regiões que percorremos são conhecidas como Ribeirão de São Francisco Xavier, Porteira Pesada, Arambinga, Serra de Santo Antônio, Olho D'Água, e “Corgo Sêco”. A Figura 10 apresenta algumas das placas que encontramos durante o percurso.

Figura 10: Placas indicando o trajeto percorrido



Fonte: Autoria própria

Foram encontrados diversos exemplares de diferentes espécies nativas da região, incluindo as espécies estudadas e apresentadas ao longo da dissertação, conforme detalhes a seguir.

Figura 11: Exemplar de caapeba



Fonte: Autoria própria

Próximo à região do Senhor dos Montes, em uma das entradas para a trilha, localizamos um exemplar da caapeba, também conhecida como pariparoba (Figura 11).

- Nome científico: *Piper umbellatum* L.
- Considerada uma PANC (planta alimentícia não convencional).
- Benefícios: Ação anti-inflamatória, antibacteriana, antioxidante e proteção gástrica.
  - Chá: combate resfriados (propriedade desobstruente).
  - Macerada: auxilia contra dores de dente e de barriga.
  - Decocção: diurética e estimulante das funções do baço, hepáticas, pancreáticas e estomacais (UFSC, 2020b).

Figura 12: Exemplar de barbatimão



Fonte: Autoria própria

Encontramos também vários exemplares de barbatimão. Na Figura 12 é possível observar as folhas bipinadas em pares e o tronco da árvore, de casca grossa e rico em taninos.

- Nome científico: *Stryphnodendron adstringens* (Mart.) Coville
- Possui propriedades tintórias e é utilizada na indústria do curtume.
- Benefícios: Propriedades adstringentes, cicatrizantes, antioxidantes e antimicrobianas.
  - Tratamento de diarreias, anemias e feridas.
  - Pomada feita a partir do extrato do barbatimão é indicada como cicatrizante e antisséptico da pele e mucosas e regulamentada pela Agência Nacional de Vigilância Sanitária - ANVISA (2022, p. 188-190).

Figura 13: Exemplar de murici



Fonte: Autoria própria

Outra espécie rica em taninos é o murici (Figura 13). O muricizeiro apresenta caules tortuosos e folhas simples.

- Nome científico: *Byrsonima crassifolia* (L.) Kunth
- Benefícios: Ação adstringente e antitérmica, além de antioxidante e antifúngica.
  - Tratamento de doenças das vias respiratórias – casca do caule.
  - Possui fruto comestível, utilizado no preparo de doces, compotas, conservas, geleias e sorvetes.
  - Pode ser utilizado ou consumido o fruto inteiro, o óleo do fruto e também a polpa, com ou sem casca (SIBBR, 2018).

Figura 14: Exemplar de carqueja



Fonte: Autoria própria

Vários exemplares de carqueja foram encontrados durante a visita à Serra do Lenheiro (Figura 14). Também é chamada de carqueja-amargosa e seus principais benefícios estão relacionados à digestão.

- Nome científico: *Baccharis crispa* Spreng
- Benefícios: Ação antitérmica e contra doenças estomacais, do fígado e baço.
  - Tratamento de diarreias, azia e febre.
  - Regulamentada pela ANVISA (2022, p. 45-48), a carqueja – sob a variação *Baccharis trimera* (Less.) DC. – pode ser utilizada para auxiliar no alívio de sintomas dispépticos<sup>7</sup>.

<sup>7</sup>Sintomas de doenças que acometem o estômago, incluindo dor local, queimação, diarreia, náusea, entre outros (SBMDN, 2019)

- Infusão: 1 colher de sopa (5g) de hastes picadas para 1 xícara (150ml) de água fervente. Abafar por 10 minutos e coar. Consumir 2 a 3 xícaras por dia (UFSC, 2020a).
- Decocção: 1 colher de sopa de hastes picadas em 1 xícara de água fria. Ferver por 5 minutos, desligar o fogo, e abafar por 10 minutos. Coar e tomar até 3 xícaras por dia (UFSC, 2020a).

Figura 15: Exemplar de araçá



Fonte: Autoria própria

O araçá (Figura 15) é um arbusto com frutos de coloração amarela ou vermelha de polpa branca, amarela-clara ou vermelha.

- Nome científico: *Psidium cattleianum* Sabine ou *Psidium cattleyanum* Sabine
- Benefícios: Ação adstringente, antidiarreica, fruto comestível.
  - Antioxidante, anti-inflamatório e antimicrobiano.

De certos pontos da Serra do Lenheiro ainda é possível avistar a Serra de São José. Na Figura 16 podemos ver parte da cidade de São João del Rei à direita e a Serra de São José ao centro.

Figura 16: Serra de São José vista da Serra do Lenheiro



Fonte: Autoria própria

### 5.1.2 25.03.2023

A segunda visita à Serra do Lenheiro aconteceu no dia 25 de março de 2023, sábado, pela manhã. Tendo início por volta das 07h50min, durou cerca de 04 horas e 20 minutos. O trajeto foi semelhante ao da visita do dia 07 de março, porém mais curto e com mais pausas para estudo das espécies. Ao total, percorremos 7,55 quilômetros, sendo o ponto mais alto a 1078 metros de altitude.

Figura 17: Participantes da trilha do dia 25



Fonte: Autoria própria

Foram ao todo 08 pessoas, incluindo o guia Luiz Miranda (Figura 17).

Figura 18: Trajeto percorrido no dia 25.03



Fonte: Captura de tela do aplicativo Zepp

Por ter sido realizado o mesmo percurso (Figura 18) da primeira visita, as espécies encontradas foram as mesmas. No entanto, com as pausas, pudemos observar melhor e mais de perto diversas das espécies estudadas, apresentando para quem estava na trilha os benefícios e usos tradicionais de cada uma delas.

Figura 19: Região conhecida como “Oi D’Água”



Fonte: Autoria própria

Passamos com mais atenção no trecho conhecido como “Oi D’Água” ou “Olhos D’Água” (Figura 19), onde pudemos nos hidratar e observar uma nascente de água cristalina.

Figura 20: Vista do momento de descanso



Fonte: Autoria própria

Para um dos momentos de descanso, escolhemos parar em uma região que nos proporcionou uma vista de boa parte da serra (Figura 20), além de conseguirmos avistar parte de São João del Rei, à esquerda.

## 6 Elementos naturais como inspiração

O estudo das espécies apresentadas ao longo do trabalho nos proporciona um melhor entendimento das suas características botânicas e propriedades medicinais e/ou alimentícias. Desse modo, o desenvolvimento das estampas digitais busca destacar as principais características de cada espécie, facilitando a identificação e utilização das mesmas.

Para que isso seja possível, vários sistemas foram propostos na área de design de superfície e estampa, a fim de obter resultados de projetos de design eficazes. O sistema de repetição, por exemplo, serve como um meio de expressão e uma fonte de recursos técnicos utilizados para alcançar os efeitos estéticos pretendidos. Este sistema consiste em imprimir e estampar unidades (os módulos) na superfície criando pontos correspondentes que se encontram e se movem em intervalos regulares (FREITAS, 2018).

Figura 21: Sistemas de repetição



Fonte: (FREITAS, 2018, p. 58)

A Figura 21 demonstra alguns sistemas de repetição possíveis. O primeiro exemplo é o de

sistemas alinhados, esquema em que os módulos são organizados lado a lado, com um módulo imediatamente ao lado e abaixo do anterior, formando uma grade. Os sistemas não alinhados, por sua vez, podem ser não alinhados horizontal ou verticalmente. Nesse processo, mantém-se apenas um dos alinhamentos, enquanto o módulo se move no outro sentido.

Os módulos, por sua vez, “detém em sua constituição genuína a carga informacional mínima do conteúdo expressivo (motivos) e também detém em si os limites geométricos, a dimensão, a organização e a estrutura em relação à superfície” (FREITAS, 2018, p. 66). Nos motivos estão retratados os elementos gráficos, de cores e texturas da estampa pretendida e podem conter as mais diversas referências, como florais, padrões geométricos e xadrezes.

A partir do entendimento desses sistemas presentes no design de estamperia, é possível desenvolver os projetos com uma metodologia e etapas previamente estabelecidas, respeitando ainda um processo criativo pessoal. Desse modo, todas as estampas desenvolvidas para a presente pesquisa seguiram alguns passos em comum, a saber:

1. estudo morfológico das espécies (como apresentado no item 4.3);
2. coleta de exemplares e/ou análise de fotografias tiradas *in loco* das plantas;
3. ilustração digital manual a partir de fotografias e características botânicas;
4. disposição dos elementos ilustrados de modo a formar o módulo da estampa;
5. escolha do sistema de repetição a ser empregado; e
6. criação da estampa a partir da repetição do módulo desenvolvido.

Para a realização das etapas 3, 4 e 6 foi utilizado o programa Inkscape<sup>8</sup>, um software livre e gratuito de edição de gráficos vetoriais. Algumas das ferramentas utilizadas dentro do programa são: caneta, *clip* de objetos, criação de clones ladrilhados, padrão de preenchimento, entre tantas outras. Apresentamos a seguir as estampas criadas.

---

<sup>8</sup> Acesso ao programa de software através do link: <https://inkscape.org/>.

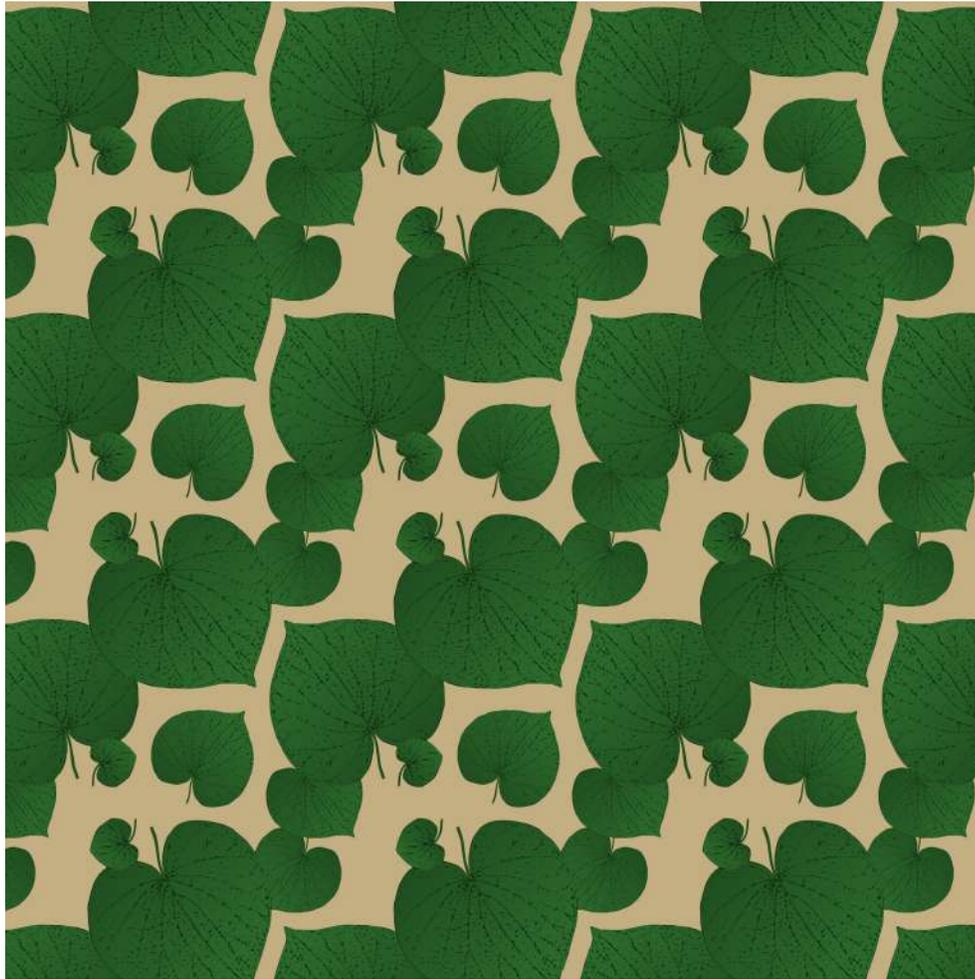
Figura 22: Módulo - Caapeba (*Piper umbellatum* L.)



Fonte: Desenvolvido pela autora

A figura 22 apresenta o módulo da estampa Caapeba. Desenvolvido com o tamanho de 1000 pixels por 1000 pixels, o módulo possui um tamanho real de aproximadamente 26,5 cm de altura por 26,5 cm de largura. A estampa conta com ilustrações das folhas da espécie sobre fundo de cor areia. Uma característica importante das folhas e que está representada na estampa são suas nervuras, que conferem textura ao desenho.

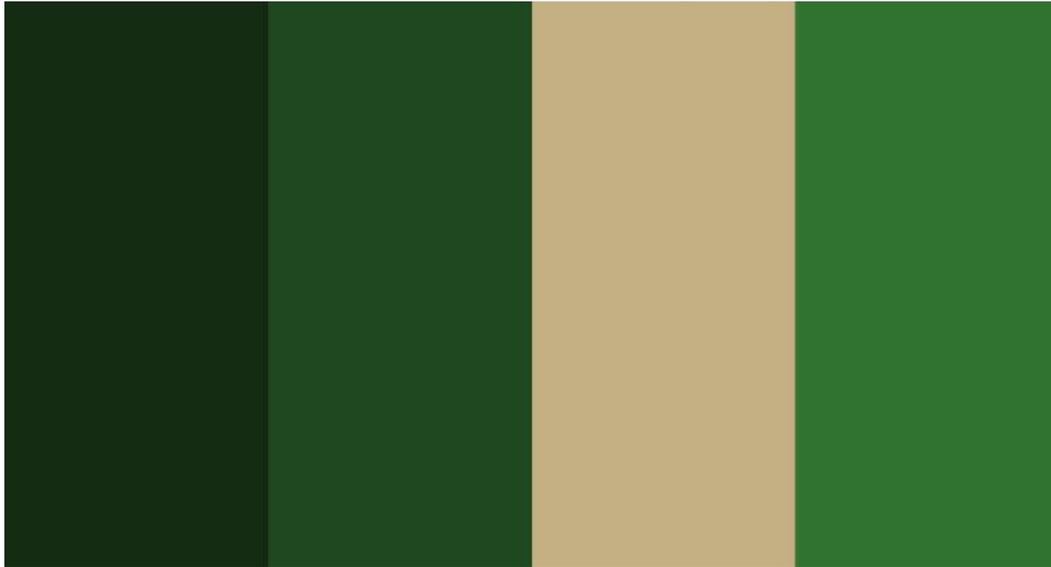
Figura 23: Estampa digital - Caapeba (*Piper umbellatum* L.)



Fonte: Desenvolvido pela autora

A fim de visualizar melhor o resultado de uma estampa, utilizamos os sistemas de repetição, ou *rapport*, baseando-nos no módulo criado. O sistema de repetição utilizado na estampa (Figura 23) é do tipo alinhado, contendo 9 repetições do módulo, 3 na vertical por 3 na horizontal. Como resultado, obtemos uma estampa contínua, com os elementos individuais sendo completados com a repetição de módulos imediatamente ao lado e abaixo do anterior. A estampa final apresenta os elementos de maneira diagonal, devido à repetição do módulo e como o mesmo foi criado.

Figura 24: Paleta de cores da estampa Caapeba



Fonte: Desenvolvido pela autora

Na Figura 24 está representada a paleta de cores utilizadas na estampa desenvolvida. As folhas contam com 3 tons de verde, indo do mais claro até o mais escuro. O fundo é um tom de areia, mais neutro, escolhido para conferir destaque aos elementos principais da estampa, as folhas da caapeba.

Figura 25: Módulo - Carqueja (*Baccharis crispa* Spreng.)



Fonte: Desenvolvido pela autora

A figura 25 apresenta o módulo da estampa intitulada Carqueja. O módulo possui tamanho de 1000 pixels de altura por 1000 pixels de largura, o que se traduz em um tamanho real de aproximadamente 26,5 cm por 26,5 cm. Nele, estão contidos diversos elementos representativos da carqueja, como seus caules e ramos cilíndricos, que são dispostos em arbustos ramificados. Também estão representadas suas flores, pequenas e de coloração branca ou amarelada, como pequenas espigas (UFSC, 2020a). Outro elemento presente é o vaso de barro, contendo terra e a planta, que representa o ato de plantar espécies medicinais em casa, a fim de aproveitar seus benefícios no dia-a-dia.

Figura 26: Estampa digital - Carqueja (*Baccharis crispa* Spreng.)



Fonte: Desenvolvido pela autora

A estampa Carqueja (figura 26) apresenta um *rapport* do tipo alinhado, em que cada módulo é arranjado imediatamente abaixo e ao lado do anterior (FREITAS, 2018). Desse modo, a estampa acima está disposta em um sistema 3 por 3, contendo, assim, 9 repetições do módulo, possibilitando uma melhor visualização do resultado final.

Figura 27: Paleta de cores da estampa Carqueja



Fonte: Desenvolvido pela autora

Na Figura 27 trazemos a paleta de cores principais da estampa desenvolvida. Nela podemos observar as cores da terra e do vaso de barro, duas tonalidades de verde utilizadas nas folhas da planta, além do fundo azul escuro. A cor do fundo foi definida a partir de experimentações e através de geradores de paleta de cores, como o Colors<sup>9</sup>.

## 6.1 Possíveis aplicações das estampas desenvolvidas

Com as estampas já desenvolvidas, são muitas as possibilidades de aplicação das mesmas em diferentes produtos. O design de superfície, como já mencionado, pode ser trabalhado em diferentes exterioridades e em diversos segmentos da indústria. A seguir apresentaremos algumas das possíveis aplicações das estampas desenvolvidas em produtos de segmentos diferentes, entre eles, artigos de papelaria, aço e cerâmicos. São utilizados *mockups*, arquivos editáveis disponibilizados gratuitamente em diversos sites (a saber, Mockupworld<sup>10</sup> e Unblast<sup>11</sup>), através do editor *online* e gratuito Photopea<sup>12</sup>. O *mockup* é uma espécie de maquete, em que é possível visualizar o resultado de um projeto através de uma simulação em editores de imagem.

<sup>9</sup> Acesse em <https://colors.co/>.

<sup>10</sup> Acesse em <https://www.mockupworld.co/free/>.

<sup>11</sup> Acesse em <https://unblast.com/>.

<sup>12</sup> Acesso ao programa através do link <https://www.photopea.com/>.

Figura 28: Marca-páginas com a estampa Caapeba



Fonte: Desenvolvido pela autora

A Figura 28 apresenta um modelo de marca-páginas desenvolvido aplicando a estampa criada. Com medidas aproximadas de 4 cm na horizontal por 14 cm na vertical, o marca-páginas possui cantos arredondados e informações diferentes em cada face. A frente apresenta a estampa Caapeba de forma integral, enquanto o verso conta com informações sobre a espécie. Nele estão descritos o nome científico, os benefícios comprovados, instruções de preparo através da decocção e duas ilustrações das folhas da caapeba. Um detalhe importante a se notar é que a estampa, neste caso, está em uma escala de 40% para que possa ser melhor representada no marca-páginas, desse modo, os elementos se apresentam menores do que o que foi apresentado no módulo (Figura 22). A estampa ainda foi inserida com um deslocamento de 30 pixels mais à direita no sentido horizontal, a fim de ter um melhor encaixe no marca-páginas.

Figura 29: Prato com a estampa Caapeba



Fonte: Desenvolvido pela autora

Outra opção de produto utilizando a estampa Caapeba são pratos (Figura 29). A cerâmica é prática comum na região de São João del Rei, e portanto, a aplicação da estampa com uma espécie nativa da região condiz com o objetivo da presente pesquisa. Neste projeto, a face de cima do prato conta com a estampa em um círculo externo, nas bordas do prato, enquanto a face de baixo apresenta um anel colorido em um dos tons de verde utilizados na estampa Caapeba. A estampa, neste prato, também está em uma escala de 40%, assim como no marca-páginas (Figura 28). Em adição a isto, neste caso, a estampa foi inserida em uma angulação de  $-5^\circ$ , de forma a encaixar melhor com os detalhes do prato. Todo esse processo se dá através de experimentações e testes e se resume ainda a gosto pessoal alinhado com princípios de design e conhecimentos prévios.

Figura 30: Marca-páginas com a estampa Carqueja



Fonte: Desenvolvido pela autora

A Figura 30 apresenta um projeto de marca-páginas utilizando a estampa Carqueja. Com frente e verso diferentes e cantos arredondados, as dimensões são de aproximadamente 4 cm de largura e 14 cm de comprimento. A frente do marca-páginas apresenta a estampa de forma corrida, enquanto o verso trás maiores informações sobre a espécie, como o nome científico, seus benefícios e um modo de preparo de infusão das hastes, além de elementos gráficos presentes na estampa como um todo. Através de experimentações, foi decidido que a escala de 40% em relação ao módulo da estampa (Figura 25) traria o melhor resultado ao ser inserida na face da frente do marca-páginas.

Figura 31: Caneca esmaltada com a estampa Carqueja



Fonte: Desenvolvido pela autora

Outra opção de produto utilizando a estampa Carqueja são canecas esmaltadas (Figura 31). Esse tipo de caneca é comum na região e muitas vezes vem acompanhada de estampas ou desenhos florais. A escolha de canecas como possibilidade de aplicação da estampa tem ainda relação com o preparo de chás, infusões e decocções da carqueja, preparações indicadas para se obter os benefícios medicinais da planta. Este projeto conta com duas versões, sendo uma mais clara, com a utilização do branco, e outra contendo apenas cores utilizadas na estampa, como o azul escuro e o verde. Na caneca da esquerda, contendo detalhes em branco, foi aplicada a estampa em uma escala de 200% em relação ao módulo, enquanto a caneca da direita apresenta a estampa na escala de 150%.

## 7 Conclusão

A consideração com o território e a identidade locais se faz presente por toda a pesquisa. A identificação com uma nação parte das histórias, memórias e imagens construídas pelos indivíduos que dela fazem parte. Através da paisagem e da relação intrínseca entre homem e meio natural, podemos perceber as transformações e produções da sociedade como um todo, intensificando a interação entre cultura, indivíduo, identidade, memória e natureza.

Segundo Lavrenova (2019), os textos e as artes são ferramentas importantes para o entendimento de uma cultura e seus desenvolvimentos, visto que o estudo da reflexão do espaço geográfico no texto literário e nas artes visuais, bem como na arte popular, contribui para a reconstrução de processos culturais internos profundos. A autora ainda aponta que, da mesma forma, podem ser utilizados documentos históricos, artes visuais, semântica de formas arquitetônicas, cor, som e música, e outras características do ambiente natural e cultural, com o estudo do significado e sentido do lugar no contexto da cultura nacional e local.

As espécies discutidas são comumente encontradas na região de estudo, com aplicações e benefícios diversos, mas também utilizadas na alimentação e culinária, instrumentos de ativação da memória. Desse modo, dentro da pesquisa, a valorização da biodiversidade está intrinsecamente relacionada à perpetuação de uma memória local, à proteção de um patrimônio imaterial e à promoção de um resgate da cultura brasileira, seja por meio de vivências coletivas, conscientização através de práticas artísticas ou utilização de plantas nativas.

Outro ponto importante a ser levantado é a preservação do patrimônio cultural, principalmente no que diz respeito à Serra do Lenheiro e sua vegetação. Passarelli (2023) afirma que ao longo de três séculos de intensa exploração, as reservas florísticas sofreram alterações significativas. O nome da serra já associa a destruição: “lenheiro – a reserva extrativista de combustível vegetal; serra da lenha – onde se busca a lenha” (PASSARELLI, 2023, p. 190).

A perpetuação dessa memória local corrobora com o que traz Le Goff (1990), ao defender que a amnésia – ou o esquecimento de vestígios – tem impacto direto na identidade coletiva e na memória coletiva de povos e nações. Para contornar esse esquecimento, faz-se necessário envolver diferentes agentes, relacionando cultura, pessoas e ambiente, a fim de trazer um significado para as relações estabelecidas, de forma a criar um pertencimento e valorização de uma paisagem.

Esse envolvimento, portanto, pode se dar de diversas formas, a depender dos agentes e das relações entre os mesmos. Na presente pesquisa, buscou-se aliar o saber tradicional, a partir da utilização de plantas medicinais por parte da população local, com demais áreas do conhecimento, envolvendo ciência, arte, design e demais práticas. Desse modo, cada projeto trará resultados diferentes, como atestado por Freitas (2018) ao dizer que

(...) as características de um projeto são frutos de seu processo criativo.

Esse processo se apresenta como uma teia de ideias e pensamentos regidos por forças internas do autor e exigências externas advindas do momento histórico-cultural, de questões econômicas e de valores da sociedade. (FREITAS, 2018, p. 19)

É importante ressaltar que, ao considerar os resultados alcançados, não nos limitamos apenas a produtos, objetos e bens. Também é levado em conta o processo de criação e a promoção de vivências. Isso significa que valorizamos a jornada e a experiência adquirida durante o processo de criação, assim como o impacto que essas experiências podem ter na aprendizagem e no entendimento dos assuntos trabalhados durante a pesquisa. Entendemos que esses aspectos, muitas vezes intangíveis, são tão valiosos quanto um resultado final tangível. Dessa forma, como resultado das colaborações desta pesquisa podemos apontar as práticas realizadas no local de estudo, a Serra do Lenheiro, assim como os projetos de design digital de estamperia desenvolvidos, visto que buscam trazer maior valorização para a biodiversidade local através do campo do design de superfícies. Também foi elaborado um documento em formato PDF intitulado “Espécies medicinais na Serra do Lenheiro: inspiração para o design digital de estamperia” (Apêndice A - Seção 7) com informações acerca da região e espécies estudadas, contendo uma visão geral das plantas, ocorrências no país, características e principais benefícios, além de modos de preparo diversos. A circulação deste documento, de modo digital ou impresso, faz com que o conhecimento acerca das plantas estudadas e suas possibilidades chegue em diferentes partes da comunidade.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALENCAR, Jurandyr da Cruz. Identificação botânica de árvores de floresta tropical úmida da Amazônia por meio de computador. *Acta Amazonica*, Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia, v. 28, n. 1, p. 3–30, mar. 1998. Acesso em 2022. DOI: 10.1590/1809-43921998281030. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/aa/a/66chNT5Y5FnCbDsBHPxDxHQ/#>.
- ANVISA. **Formulário de Fitoterápicos**: Farmacopeia Brasileira. Brasília, 2022. Agência Nacional de Vigilância Sanitária. [Online]. Acesso em mar. 2023. Disponível em: <https://www.gov.br/anvisa/pt-br/assuntos/farmacopeia/formulario-fitoterapico/2022-fffb2-versao-13-mai-2022.pdf>.
- ARAÚJO, Guilherme Maciel. Paisagem Cultural: um conceito inovador. In: CASTRIOTA, Leonardo Barci (Org.) **Paisagem Cultural e Sustentabilidade**. Belo Horizonte: IEDS/UFMG, 2009. P. 25–45.
- BHABHA, Homi. Disseminação: O tempo, a narrativa e as margens da nação moderna. In: BHABHA, Homi. **O local da cultura**. Belo Horizonte: UFMG, 1998. P. 198–207.
- BRANDÃO, Maria das Graças Lins. **Plantas Úteis e Medicinais na obra de Frei Vellozo**. 2. ed. Belo Horizonte: 3i Editora, 2019.
- BRASIL. **Decreto nº 10.649, de 19 de setembro de 2023**. Set. 2023. São João del Rei. Acesso em 04 out. 2023. Disponível em: [https://www.saojoaodelrei.mg.gov.br/texto\\_lei/97797](https://www.saojoaodelrei.mg.gov.br/texto_lei/97797).
- BRASIL, Ministério da Agricultura Pecuária e Abastecimento. **Glossário ilustrado de morfologia**. Acesso em jul. 2023. Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento. Secretaria de Defesa Agropecuária. 2009. Disponível em: [https://www.gov.br/agricultura/pt-br/assuntos/insumos-agropecuarios/arquivos-publicacoes-insumos/10829\\_glossario\\_ilustrado\\_morfologia-3.pdf](https://www.gov.br/agricultura/pt-br/assuntos/insumos-agropecuarios/arquivos-publicacoes-insumos/10829_glossario_ilustrado_morfologia-3.pdf).
- BURKE, Peter. Abertura: A nova história, seu passado e seu futuro. In: BURKE, Peter. **A escrita da história: novas perspectivas**. Tradução: Magda Lopes. São Paulo: UNESP, 1992. P. 7–37.
- CARVALHO, Raquel; MARQUES, Teresa. A evolução do conceito de paisagem cultural. **Revista de Geografia e Ordenamento do Território (GOT)**, v. 16, p. 81–98, mar. 2019. Centro de Estudos de Geografia e Ordenamento do Território. DOI: <http://dx.doi.org/10.17127/got/2019.16.004>.
- RESOLUÇÃO RDC nº 67, de 08 de outubro de 2007 (Anexos V e VI). Acesso em mar. 2023. Conselho Regional de Farmácia do Estado de São Paulo. Disponível em: <https://portal.crfsp.org.br/juridico-sp-42924454/legislacao/2597-resolucao-rdc-no-67-de-08-de-outubro-de-2007-anexos-iv-v-e-vi.html>.
- CULTURA. 2023. In: Dicio, Dicionário Online de Português. Porto: 7Graus. Acesso em 23 de out. de 2023. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/cultura/>.
- DAMATTA, Roberto. **O que faz o Brasil, Brasil?** Rio de Janeiro: Rocco, 1986.

- DATAPLAMT. Acesso em 2022. Banco de dados e amostras de plantas aromáticas, medicinais e tóxicas da UFMG. 2019a. Disponível em: <https://www.dataplamt.org.br/>.
- DATAPLAMT. **Barbatimão**. Acesso em 2022. Banco de dados e amostras de plantas aromáticas, medicinais e tóxicas da UFMG. 2019b. Disponível em: <https://www.dataplamt.org.br/v3-novaversao-block/#/planta/?idPlanta=118>.
- DATAPLAMT. **Caapeba**. Acesso em 2022. Banco de dados e amostras de plantas aromáticas, medicinais e tóxicas da UFMG. 2019c. Disponível em: <https://www.dataplamt.org.br/v3-novaversao-block/#/planta/?idPlanta=171>.
- DATAPLAMT. **Carqueja**. Acesso em 2022. Banco de dados e amostras de plantas aromáticas, medicinais e tóxicas da UFMG. 2019d. Disponível em: <https://www.dataplamt.org.br/v3-novaversao-block/#/planta/?idPlanta=129>.
- FLUSSER, Vilém. **O mundo codificado**: por uma filosofia do design e da comunicação. Tradução: Raquel Abi-Sâmara. São Paulo: Cosac Naify, 2007.
- FREITAS, Renata Oliveira Teixeira de. **Design de superfície**: ações comunicacionais táteis nos processos de criação. 2. ed. São Paulo: Blucher, 2018.
- FRONER, Yacy-Ara. Patrimônio Cultural: tangível e intangível. In: CASTRIOTA, Leonardo Barci (Org.) **Paisagem Cultural e Sustentabilidade**. Belo Horizonte: IEDS/UFMG, 2009. P. 83–94.
- GEERTZ, Clifford. A religião como sistema cultural. In: GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 2008. P. 65–91.
- GILBERT, B.; FAVORETO, R. *Piper umbellatum* L. = *Pothomorphe umbellata* (L.) Miq. **Revista Fitos**, v. 5, n. 2, p. 35–44, 2010. Acesso em dez. 2022. DOI: 10.32712/2446-4775.2010.129. Disponível em: <https://revistafitos.far.fiocruz.br/index.php/revista-fitos/article/view/129>.
- HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.
- HEIDEN, G. **Baccharis**. Acesso em 2022. Flora e Funga do Brasil. Jardim Botânico do Rio de Janeiro. Disponível em: <https://floradobrasil.jbrj.gov.br/FB5172>.
- HUNI. **Glossário – Herbário**. Acesso em 2022. Herbário Prof. Jorge Pedro Pereira Carauta. 2016. Disponível em: <http://www.unirio.br/ccbs/ibio/herbariohuni/glossario-da-colecao-didatica-do-canto-das-flores>.
- KRUCKEN, Lia. **Design e território**: valorização de identidades e produtos locais. São Paulo: Studio Nobel, 2009.
- LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Fundamentos de metodologia científica**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2003.
- LAVRENOVA, Olga. Introduction. In: LAVRENOVA, Olga. **Spaces and Meanings**: semantics of the cultural landscape. Moscou: Springer, 2019. P. 1–10.
- LE GOFF, Jacques. Memória. In: LE GOFF, Jacques. **História e memória**. Tradução: Bernardo Leitão. Campinas: UNICAMP, 1990. P. 423–483.

- LIMA, Thaiana C. D. de et al. Breve revisão etnobotânica, fitoquímica e farmacologia de *Stryphnodendron adstringens* utilizada na Amazônia. **Revista Fitos**, v. 10, n. 3, 2016. Acesso em nov. 2022. Disponível em: <https://revistafitos.far.fiocruz.br/index.php/revista-fitos/article/view/303/html>.
- MARTIN, José Guilherme Prado. **Glossário – Coisas de Cerrado**. Acesso em 2022. 2005. Disponível em: <https://www2.ibb.unesp.br/departamentos/Educacao/Trabalhos/coisasdecerrado/FLORA/gloss%5C%E1rio.htm>.
- SERRA DO LENHEIRO – A mãe que vela por nós. Acesso em nov. 2022. Museu Regional de São João del Rei. 2021. Disponível em: <https://museuregionaldesaojoadelrei.museus.gov.br/serra-do-lenheiro-a-mae-que-vela-por-nos/>.
- NORA, Pierre. Entre Memória e História: A problemática dos lugares. Tradução: Yara Aun Khoury. **Projeto História**, São Paulo, p. 7–28, 1993.
- OCCHIONI, Elena Maria de Lamare. Considerações taxonômicas no gênero *Stryphnodendron* Mart. (Leguminosae-Mimosoideae) e distribuição geográfica das espécies. **Acta Botanica Brasílica**, v. 4, n. 2, p. 153–158, 1990. Acesso em ago. 2023. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0102-33061990000300015>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/abb/a/PGqhcfsw6rT8sy8PL5vqDPF/>.
- OLIVEIRA, Isadora Franco. **Estamparia Têxtil: Cronologia, técnicas e 'brasilidade'**. 2019. TCC (Graduação em Tecnologia em Design de Moda) – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Sudeste de Minas Gerais, Muriaé.
- OSTROWER, Fayga. **Criatividade e processos de criação**. 14. ed. Petrópolis: Editora Vozes, 1999.
- PASSARELLI, Ulisses (Org.). **Dossiê Serra do Lenheiro**. São João del Rei: Instituto Histórico e Geográfico de São João del-Rei, 2023.
- RIBEIRO, Rafael Winter. **Paisagem cultural e patrimônio**. Rio de Janeiro: IPHAN, 2007.
- SALLES, Cecília Almeida. **Gesto inacabado: processo de criação artística**. São Paulo: FAPESP: Annablume, 1998.
- SÃO João del Rei: Turismo em Minas Gerais. *In: Minas*. Acesso em 24 de out. de 2023. Disponível em: <https://www.minasgerais.com.br/pt/destinos/sao-joao-del-rei>.
- SBMDN. **Dispepsia**. Acesso em mar. 2023. Sociedade Brasileira de Motilidade Digestiva e Neurogastroenterologia. 2019. Disponível em: <http://www.sbmdn.org.br/dispepsia/>.
- SIBBR. **Baccharis crispa: Carqueja**. Acesso em 2022. Sistema de Informação sobre a Biodiversidade Brasileira. 2020a. Disponível em: <https://ala-bie.sibbr.gov.br/ala-bie/species/324930>.
- SIBBR. **Biodiversidade e Nutrição**. Acesso em mar. 2023. Sistema de Informação sobre a Biodiversidade Brasileira. 2018. Disponível em: <https://ferramentas.sibbr.gov.br/ficha/bin/view/FN>.
- SIBBR. **Piper umbellatum: Caapeba**. Acesso em 2022. Sistema de Informação sobre a Biodiversidade Brasileira. 2020b. Disponível em: <https://ala-bie.sibbr.gov.br/ala-bie/species/275573>.

SIBBR. **Sistema de Informação sobre a Biodiversidade Brasileira**. Acesso em 2022. Ministério da Ciência, Tecnologia e Inovações (MCTI). 2020c. Disponível em: <https://ala-bie.sibbr.gov.br/ala-bie/>.

SIBBR. ***Stryphnodendron adstringens*: Barba-De-Timão**. Acesso em 2022. Sistema de Informação sobre a Biodiversidade Brasileira. 2020d. Disponível em: <https://ala-bie.sibbr.gov.br/ala-bie/species/291536>.

SERRA de São José. Acesso em nov. 2022. Turismo em Minas Gerais. Disponível em: <https://www.minasgerais.com.br/pt/atracoes/tiradentes/parques/serra-de-sao-jose>.

UFSC, Horto Didático. **Carqueja**. Acesso em abr. 2023. Horto Didático de Plantas Medicinais do HU/CCS. 2020a. Disponível em: <https://hortodidatico.ufsc.br/carqueja/>.

UFSC, Horto Didático. **Pariparoba**. Acesso em abr. 2023. Horto Didático de Plantas Medicinais do HU/CCS. 2020b. Disponível em: <https://hortodidatico.ufsc.br/pariparoba/>.

# **APÊNDICE A – ESPÉCIES MEDICINAIS NA SERRA DO LENHEIRO: INSPIRAÇÃO PARA O DESIGN DIGITAL DE ESTAMPARIA**

Isadora Franco Oliveira

Espécies medicinais na  
Serra do Lenheiro:  
inspiração para o design  
digital de estamparia

São João del Rei  
2023

# Onde estamos?



São João del Rei está localizada na região do Campo das Vertentes, em Minas Gerais. Ao redor da cidade, encontramos as serras do Lenheiro e de São José.

Com vegetação nativa típica do Cerrado e da Mata Atlântica, a região possui grande biodiversidade.



A Serra do Lenheiro é uma formação com mais de 1,6 bilhão de anos situada a oeste e noroeste da cidade de São João del Rei. Possui grande relevância cultural, tendo uma relação afetiva e histórica por parte da população.

A serra conta com pinturas rupestres, trilhas por dentro da mata, poços e nascentes de água, grutas, bio e geodiversidade. De certos pontos da Serra do Lenheiro ainda é possível avistar cidades vizinhas e também a Serra de São José.



# Caapeba

*Piper umbellatum* L.



Fonte: Sistema de Informação sobre a Biodiversidade Brasileira (SiBBBr)

A caapeba, também conhecida como pariparoba ou aguaxima, é muito utilizada tradicionalmente para o tratamento de feridas e inflamações. Outro uso comum tem a ver com sua propriedade febrífuga.

## Principais atividades:

- ✓ Anti-inflamatória
- ✓ Antitérmica
- ✓ Antioxidante
- ✓ Analgésica
- ✓ Cicatrizante

A *Piper umbellatum* L. é considerada uma PANC, ou seja, uma planta alimentícia não convencional. Sob a sinonímia *Pothomorphe umbellata* (L.) Miq., em informações presentes no portal Horto Didático da UFSC<sup>1</sup>, as partes utilizadas são suas folhas, hastes e raízes.

## Modo de usar:

### ■ Folhas

Queimaduras leves e furúnculos: Cataplasma utilizado externamente.

### ■ Hastes

Febre, tosse e bronquite: Xarope com as folhas e hastes.

### ■ Raízes

Diurética e estimulante das funções do baço, hepáticas, pancreáticas e estomacais: Decocção de 1 colher (chá) de raízes picadas para 1 xícara de água. Tomar 1 xícara pela manhã em jejum e outra antes do almoço.



Fonte: Autoria própria. Local: Serra do Lenheiro, MG

<sup>1</sup> Pariparoba in Horto Didático de Plantas Medicinais do HU/CCS. Florianópolis, Universidade Federal de Santa Catarina. 2020. Disponível em: <https://hortodidatico.ufsc.br/pariparoba/>. Acesso em 2023.

## Estampa Caapeba



A caapeba tem como características botânicas principais as folhas com formato ovado, sendo a base cordada, parecendo um V arredondado, enquanto o ápice é agudo. As nervuras também são importantes características. As folhas são grandes, com aproximadamente 18 a 25 centímetros.

Possui sucesso em estudos quanto ao seu uso como agente tópico fotoprotetor.

É uma espécie típica de Mata Atlântica, sendo encontrada mais comumente na região sudeste.

# Aplicações da estampa Caapeba



As aplicações da estampa podem ser diversas, mas aqui escolhemos trabalhar com o marca-páginas, que traz informações, no verso, sobre a espécie, e também com pratos de cerâmica, prática esta comum na região de São João del Rei. Estas são formas de ter por perto, no dia-a-dia, a Caapeba.



# Carqueja

*Baccharis crispa* Spreng.



Fonte: Sistema de Informação sobre a Biodiversidade Brasileira (SiBBBr)

A carqueja, também conhecida como carqueja-amargosa, carqueja-doce, ou vassourinha, é muito utilizada tradicionalmente para doenças estomacais, do fígado e baço.

## Principais atividades:

- ✓ Antioxidante
- ✓ Anti-inflamatória
- ✓ Protetora gástrica
- ✓ Antitérmica
- ✓ Tratamento de feridas e úlceras

A *Baccharis crispa* Spreng. também pode aparecer sob o sinônimo *Baccharis trimera* (Less.) DC. e o modo de uso pode ser tanto através de infusão quanto de decocção. Segundo informações retiradas do portal Horto Didático da UFSC<sup>2</sup>, a infusão das hastes da carqueja é recomendada para problemas estomacais, hepáticos e intestinais. Além dos benefícios anteriores, a decocção ainda se mostra eficaz contra gripes e resfriados.

## Modo de usar:

### ■ Infusão

Em uma xícara (150ml), coloque 1 colher de sopa (5g) de hastes picadas e adicione água fervente. Abafe por 10 minutos ecoe. Tomar 2 a 3 xícaras por dia.

### ■ Decocção

Coloque 1 colher (sopa) de hastes picadas em 1 recipiente com água fria. Deixe ferver por 5 minutos. Desligue o fogo e deixe abafado por 10 minutos coe e tome até 3 xícaras por dia.



<sup>2</sup> Carqueja in Horto Didático de Plantas Medicinais do HU/CCS. Florianópolis, Universidade Federal de Santa Catarina. 2020. Disponível em: <https://hortodidatico.ufsc.br/carqueja/>. Acesso em 2023.

## Estampa Carqueja



A carqueja tem como características botânicas principais os caules e ramos cilíndricos, dispostos em arbustos ramificados. Suas flores são pequenas, de coloração branca ou amarelada, remetendo a pequenas espigas.

Possui sabor amargo e pode ser tóxica se usada com grande frequência. Pessoas com hipertensão ou hipotensão também devem ficar atentas quanto ao uso.

Ocorre em biomas de Caatinga, Cerrado, Mata Atlântica e Pampa. Floração de outubro a março, frutificação de dezembro a abril.

## Aplicações da estampa Carqueja



Assim como com a estampa Caapeba, para a estampa Carqueja escolhemos a aplicação em marca-páginas, que contém informações sobre a espécie em seu verso. Canecas esmaltadas são outra escolha de aplicação, visto que remetem ao ato de tomar o chá, infusão ou decocção preparados a partir da planta.



## Referências

### Caapeba

- BRANDÃO, Maria das Graças Lins. **Plantas Úteis e Medicinais na obra de Frei Vellozo**. 2. ed. Belo Horizonte: 3i Editora, 2019, p. 38.
- DATAPLAMT. Banco de dados e amostras de plantas aromáticas, medicinais e tóxicas da UFMG. **Caapeba**. 2019. Disponível em: <https://www.dataplamt.org.br/v3-novaversao-block/#/planta/?idPlanta=171>.
- GUIMARÃES, E. F.; MEDEIROS, E. V. S. S.; QUEIROZ, G. A. *Piper* in **Flora e Funga do Brasil**. Jardim Botânico do Rio de Janeiro. Disponível em: <https://floradobrasil.jbrj.gov.br/FB12863>.
- GILBERT, B.; FAVORETO, R. *Piper umbellatum* L. = *Pothomorphe umbellata* (L.) Miq. **Revista Fitos**, v. 5, n. 2, p. 35–44, 2010. Acesso em dez. 2022. DOI: 10.32712/2446-4775.2010.129. Disponível em: <https://revistafitos.far.fiocruz.br/index.php/revista-fitos/article/view/129>.
- HORTO Didático de Plantas Medicinais do HU/CCS. **Pariparoba**. Florianópolis, Universidade Federal de Santa Catarina. 2020. Disponível em: <https://hortodidatico.ufsc.br/pariparoba/>.
- SISTEMA da Informação sobre a Biodiversidade Brasileira (SiBBR). *Piper umbellatum*: Caapeba. 2020. Disponível em: <https://ala-bie.sibbr.gov.br/ala-bie/species/275573>.

### Carqueja

- AGÊNCIA Nacional de Vigilância Sanitária (org.). Formulário de Fitoterápicos: farmacopeia brasileira. 2. ed. Brasília: Anvisa, 2021, pp. 45-48. 222 p. Disponível em: <https://www.gov.br/anvisa/pt-br/assuntos/farmacopeia/formulario-fitoterapico/2022-fffb2-versao-13-mai-2022.pdf>.
- BRANDÃO, Maria das Graças Lins. **Plantas Úteis e Medicinais na obra de Frei Vellozo**. 2. ed. Belo Horizonte: 3i Editora, 2019, p. 47.
- DATAPLAMT. Banco de dados e amostras de plantas aromáticas, medicinais e tóxicas da UFMG. **Carqueja**. 2019. Disponível em: <https://www.dataplamt.org.br/v3-novaversao-block/#/planta/?idPlanta=129>.
- HEIDEN, G. *Baccharis* in **Flora e Funga do Brasil**. Jardim Botânico do Rio de Janeiro. Disponível em: <https://floradobrasil.jbrj.gov.br/FB5172>.
- HORTO Didático de Plantas Medicinais do HU/CCS. **Carqueja**. Florianópolis, Universidade Federal de Santa Catarina. 2020. Disponível em: <https://hortodidatico.ufsc.br/carqueja/>.
- SILVEIRA, F. F. *Baccharis crispa*. Flora Campestre, 2020. Laboratório de Estudos em Vegetação Campestre - UFRGS. Disponível em: <https://www.ufrgs.br/floracampestre/baccharis-crispa/>.
- SISTEMA da Informação sobre a Biodiversidade Brasileira (SiBBR). *Baccharis crispa*: Carqueja. 2020. Disponível em: <https://ala-bie.sibbr.gov.br/ala-bie/species/324930>.